



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

Trabalho de Fim do Curso

**“Marandza”: um estudo sobre a construção e gestão da identidade das namoradas de
homens casados na cidade de Maputo.**

Autora: Neuza Gildo Balane

Supervisor: Dr. Baltazar Muianga

Maputo, Julho de 2020



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Curso de Licenciatura em Sociologia

“Marandza”: um estudo sobre a construção e gestão da identidade das namoradas de homens casados na cidade de Maputo.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Candidato:

Neuza GildoBalane

O Júri

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

.....

.....

.....

Maputo, aos..... de de 2020

Declaração de Honra

Eu, Neuza Gildo Balane, declaro por minha honra que esta monografia não foi apresentada, parcial ou integralmente, em nenhuma instituição para obtenção de qualquer grau académico e que constitui resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e nas referencias bibliográficas as fontes usadas para o efeito da pesquisa.

Maputo, Julho de 2020

.....

(Neuza Gildo Balane)

Dedicatória

Às mulheres da minha vida: a amável Vó Crizalda (em sua memória) e Vó Helena, adorada xará (em sua memória) e, em especial, à minha provedora e eterna mamã, tudo o que eu sou devo a si, a minha vida toda devo a si.

*Haja luz de Deus sobre todas, minhas eternas
mulheres!*

Agradecimentos

A Deus por me iluminar e me orientar em toda a minha vida, sem me esquecer das tantas vezes em que me serviu de alicerce e refúgio quando a vida académica desfalecia o meu espírito. Ao corpo docente que me acolheu desde o meu primeiro dia de academia.

A todos os que comigo colaboraram em toda a minha vida estudantil, pelo apoio inquestionável por todos os que colaboraram para a efectivação deste trabalho de investigação e em especial aos que com quem partilhei a academia: *obrigada!*

Aos Doutores Orlando Nipassa, Ivo Cumbane, Danúbio e, em especial, ao Dr. Baltazar Muianga, por saber lidar com os seus estudantes, com extrema atenção, servindo-se mais que professor. Agradeço também a rigorosidade e disponibilidade que teve em me acompanhar na realização deste trabalho.

Agradeço, na mesma sintonia, a toda a minha família, sem excepções, em especial ao Gildo Balane (pai) pela vida e por ser o provedor da família, à Emília Chiluvane (mãe) pela dedicação, à Tatiana (fada madrinha), aos meus irmãos, Joaquim, Jennifer, Crizalda e Mauro, agradeço o aconchego e o vosso carinho e atenção.

A todos os meus colegas, em especial aos meus também amigos, Júlio Savanguane, Édio Mondlane e Agnaldo Nyangumele, Arsénio Massinguile e ao meu grupo de estudo, o esquadrão 8 (Ângela, Bárbara, Marcela, Ivete, Rosa, Célia, Marta), meninas, vocês foram o meu ponto de equilíbrio durante estes anos todos, pela convivência, lealdade, respeito e amor ao nosso “esquadrão”, vocês são as melhores!

Às mulheres que participaram na pesquisa, tornando este trabalho uma realidade, agradeço o tempo e atenção disponibilizados, a paciência e a exaustão dos seus pareceres durante as conversas.

Finalmente, aos meus saudosos amigos, em especial aos que me apoiaram desde sempre, Dércia (minha protectora), Apolinária (best sister), Da Graça (este sonho tem você como precursor), Marília, Lúcia, Deurica, Anilza e Miguel de Sousa, obrigada por todo o apoio. Ao Dércio Chume, pelo apoio incondicional e por estar sempre pronto, muito agradecida.

RESUMO

Na presente monografia intitulada “*Marandza*”: *um estudo sobre a construção e gestão da identidade das namoradas dos homens casados na cidade de Maputo*, desenvolvemos um estudo sociológico sobre os processos de construção e gestão identitária das namoradas dos homens casados na cidade de Maputo. A pesquisa teve como objectivo geral compreender a construção da identidade da “Outra” a partir da manutenção da relação mantida com o homem casado. Para análise da realidade social que nos propusemos a estudar, usámos a proposta teórica de Erving Goffman (1980), a teoria do estigma e três conceitos fundamentais, nomeadamente: relações amorosas, identidade social, estigma e “Outra”. No que diz respeito aos aspectos metodológicos, pautámos pela abordagem qualitativa e pelo procedimento monográfico, fizemos o uso também da revisão literária e das entrevistas semi-estruturadas para a recolha dos nossos dados no campo. Os resultados vislumbram que as mulheres na condição de outra, assumem-se como namoradas dos homens casados e a gestão da relação mantida entre eles que inclui a omissão da mesma revela-se em si uma estratégia para gerir essa identidade que, por sua vez, se encontram no seio familiar elementos que viabilizam a construção da identidade da “Outra”.

Palavras-chave: “Outra”, *Identidade social, Estigma, Relações amorosas e Homem casado.*

ABSTRACT

In the present monograph entitled "*Marandza*": *a study on the construction and management of the married men's girlfriends identity in Maputo city*, we developed a sociological study on the construction processes and identity management of the girlfriends of the married men in Maputo city. The main goal of the research was to understand the construction of the identity of the "Other" from the maintenance of the relationship maintained with the married man. In order to analyse the social reality we set out to study, we used Erving Goffman's (1980) theoretical proposal, the Stigma theory, and three fundamental concepts, namely, love relationships, social identity, Stigma and "Other". Regarding the methodological aspects, we are guided by the qualitative approach and the monographic procedure, we also used the literary review and semi-structured interviews to collect our data in the field. The results show that women as Other, assume themselves as girlfriends of married Men and the management of the relationship maintained between them, which includes the omission of the same, reveals itself as a strategy to manage this identity, which in turn within the family, elements that enable the construction of the identity of the "Other".

Keywords: "Other", social identity, stigma, love relationships and married man.

Índice

Dedicatória	i
.....
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	iv
Introdução.....	3
CAPÍTULO I.....	6
1. Da revisão bibliográfica à problemática.....	6
CAPÍTULO II.....	15
2. Enquadramento teórico e conceptual.....	15
2.1. Conceptualização.....	18
2.1.1. Relações amorosas.....	18
2.1.2. Estigma social.....	20
2.1.3. Identidade social.....	20
2.1.3. A "Outra".....	22
CAPÍTULO III.....	23
3. Aspectos metodológicos.....	23
3.1. Método de abordagem.....	23
3.1.1. Método de procedimento.....	23
3.2. População e amostra.....	24
3.2.1. Quanto ao grupo-alvo.....	24
3.2.2. Quanto ao tipo de amostragem.....	24
3.2.3. Quanto à amostra(gem).....	24
3.3. Técnicas de recolha de dados.....	25
3.4. Questões éticas.....	25
3.5. Constrangimentos e limitações da pesquisa.....	26
CAPÍTULO IV.....	27
4. Apresentação e análise dos dados.....	27
4.1. Perfil sócio-demográfico.....	27

4.2. Percepções sobre o namoro na perspectiva da “Outra”.....	28
4.3. A manipulação da etiqueta social no processo de gestão da relação mantida com o homem casado.....	30
4.3.1. A inconsciência da condição de “Outra”.....	32
4.4.1. A nova identidade: a omissão como estratégia de gestão da identidade da namorada do homem casado.....	34
4.4.1. O meio social como espaço de gestão do estigma.....	37
4.4.2. O grupo de pares.....	39
Considerações finais.....	42
Referências bibliográficas.....	45
ANEXOS.....	47

Introdução

O presente trabalho resulta do estudo realizado em torno das relações amorosas e apresenta como proposta temática “*Marandza: um estudo sobre a construção e gestão da identidade das namoradas de homens casados na cidade de Maputo*”, onde buscamos compreender o processo pelo qual a mulher que se relaciona com homem casado (ou que esteja comprometido e que viva maritalmente) constrói a sua identidade, tomando em conta a forma como esta faz a gestão da relação existente entre ambos. O interesse por este assunto emergiu do facto de notarmos que, no quotidiano dos indivíduos, principalmente das jovens mulheres, a necessidade de alcançar uma estabilidade financeira e posterior independência tem-se manifestado de forma muito fluída e dinâmica, porém, com os recursos e estratégias socialmente aceites e privilegiadas, têm-se mostrado muito demorados, como o ingresso ao mercado de trabalho.

Por isso se vêm pressionadas pelos pares, ou pelas carências e necessidades individuais a aderirem a meios mais flexíveis e ousados para satisfazerem essas necessidades, e um desses meios é o de se envolverem com homens que lhes transmitam uma segurança financeira e garantia de suprimento de todos os seus desejos e necessidades, sem colocar os sentimentos como premissa para alavancar a relação. Desta feita, não seria qualquer homem a proporcionar tais privilégios senão homens financeiramente estabilizados e organizados, contudo, os mesmos, na sua maioria, são casados, comprometidos e/ou vivem maritalmente.

Deste modo, acreditamos que, com este estudo, se pode compreender de forma mais aprofundada esses processos, principalmente os que dizem respeito à questão da construção das identidades, dentro das relações amorosas e com isto contribuir para o enriquecimento do acervo literário no campo das ciências sociais, com maior destaque para questões identitárias olhadas sob o ponto de vista dos indivíduos que carregam consigo características depreciadas socialmente. O estudo vai contribuir também na compreensão das dinâmicas que ocorrem dentro da nossa sociedade e que podem grandemente influenciar na maneira como estes indivíduos encaram a realidade social. Aquando da realização das nossas leituras, constatámos a existência de um conjunto de estudos que debatem a questão da “Outra”, dentro das relações amorosas, tomando em conta as várias perspectivas, foi possível destacar estudos que abordam a “Outra” no âmbito das relações monogâmicas (fechadas) e as que abordam a “Outra” no âmbito das relações não-monogâmicas (abertas/livres).

Na perspectiva das relações monogâmicas, os autores, de uma forma generalizada, nos seus estudos, enfatizam a ideia destas serem moldes padronizados dentro duma sociedade, fazendo apologia a um amor romântico e, acima de tudo, sustentados pelo poder de escolha e, por isso, não se estabelece um espaço dentro das relações para a existência de parceiros paralelos. E, no que diz respeito à perspectiva que aborda a “Outra” na dimensão das relações não monogâmicas, os autores destacam a ideia de relacionamentos abertos e livres, onde a existência da “Outra” não condiciona a saúde da relação oficial, muito pelo contrário, ajuda o homem a se redescobrir e, acima de tudo, a manter o seu casamento vivo.

Por conseguinte, mediante estas duas perspectivas, posicionamo-nos com a primeira perspectiva que debate a questão da “Outra” na dimensão das relações monogâmicas ou fechadas, as quais, a priori, não abrem espaço para um possível envolvimento do homem casado com uma mulher fora do casamento ou do compromisso, daí que buscamos compreender como a “Outra”, nesta situação, constrói a sua identidade, a partir da gestão da relação mantida com este homem casado, de forma a manter a sua boa imagem e a proteger a dignidade do homem dentro do seu casamento, condizendo com os padrões socialmente impostos nas relações que sigam princípios monogâmicos.

Este posicionamento resulta do facto de os estudos apresentados não explicarem como o processo de amantização ocorre nestes moldes de relacionamento e o processo pelo qual a mulher, na condição de “Outra”, constrói a sua identidade dentro de uma sociedade em que as suas escolhas afectivas a tornam transgressora dos padrões comportamentais socialmente aceites, limitando-se apenas a aferir que a existência da “Outra” nas relações monogâmicas é insignificante, pois, segundo estes estudos, nestes moldes de relacionamento à referenciada escolha pela pessoa amada é a base, tornando-se nula a incidência de uma relação paralela à relação oficial, por isso acreditamos ser interessante perceber a gestão da relação mantida com homem casado como uma ferramenta para a compreensão do processo de construção da identidade desta mulher.

Temos como objectivo geral: *Compreender as estratégias de construção e gestão da identidade da “Outra” a partir da manutenção da relação mantida com o homem casado.* E para o alcançar, guiámo-nos pelos seguintes objectivos específicos: *Identificar o perfil sócio-demográfico da “Outra”;* *captar as percepções que a “Outra” tem sobre o namoro;* *identificar*

as motivações para o início da relação; descrever como essa relação é constituída e gerida sendo que não se adequa aos padrões socialmente estabelecidos; identificar as estratégias de gestão da identidade da “Outra” tendo em conta a rotulagem da família e da sociedade no geral.

No que concerne à base teórica que sustentou o nosso trabalho, orientámo-nos em Erving Goffman (1980), “*Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada*”, que discute a construção e gestão das identidades sociais de indivíduos e grupos estigmatizados e minoritários. Apoiámo-nos também em Dubar (2006), que discute o processo de construção da identidade. Este afirma que o se identificar e ser identificado (identidade) dos indivíduos é produto do processo de socialização que os indivíduos passam. Essa socialização dá-se em grupos principais de pertença (mais fechados) ou com a iniciação da carreira profissional.

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, o estudo serviu-se do método de abordagem qualitativo, onde tivemos como método de procedimento o monográfico, no qual, a partir da perspectiva das mulheres, procuramos compreender de que forma essa realidade social se manifesta e se processa. Foram entrevistadas oito (8) mulheres que já estiveram ou que estejam na condição de “Outra” (esse foi o critério usado para a constituição da nossa amostra), orientadas por uma entrevista semi-estruturada que nos serviu como instrumento de recolha de dados. A escolha das participantes para o nosso estudo foi orientada por uma amostragem não probabilística de carácter intencional.

O trabalho está dividido em quatro capítulos principais, o primeiro vai da revisão bibliográfica à formulação do problema de pesquisa. Nesta secção, colocam-se em debate as abordagens já formuladas em torno do tema em análise, a qual culmina com a problematização das limitações observadas nesses mesmos estudos e posterior pergunta de partida que orientou as etapas subsequentes. No segundo capítulo, encontramos o enquadramento teórico e conceptual, isto é, apresentamos as teorias e os conceitos que nos auxiliaram na interpretação da realidade social em estudo. O terceiro capítulo reservámo-lo aos aspectos metodológicos, os quais, por sua vez, se subdividem em cinco (5) subcapítulos, com os quais detalhamos os caminhos percorridos para a materialização do trabalho de campo. E, por fim, o quarto e último capítulo que é referente à apresentação e discussão de dados.

CAPÍTULO I

1. Da revisão bibliográfica à problemática

Neste capítulo, inteiramo-nos de forma mais profunda sobre a realidade social em torno da “Outra” na dimensão das relações amorosas, trazendo as várias contribuições de diferentes estudos realizados. Colocamos igualmente em discussão as perspectivas dos autores sobre a “Outra”, correlacionando-as com a construção da identidade, o que não só vai viabilizar a contextualização do objecto em estudo, mas também vai permitir uma formulação concisa e original do problema de pesquisa a ser levantado.

As perspectivas sistematizam e se sintetizam em duas principais abordagens, nomeadamente: a abordagem que discute a “Outra” no contexto das relações monogâmicas e a que discute a “Outra” no contexto das relações não-monogâmicas.

A primeira abordagem enfatiza a questão da “Outra” como uma desviante, pelo facto de não abrirem espaço para relações fora do casamento ou do compromisso, dando ênfase à ideia de um amor romântico motivado pelo poder de escolha do sujeito amado ou que se pretenda amar, fazendo assim com que a mulher na condição de “Outra” sofra coerção social ou estigmatização, por se entender que esta adopta comportamentos diferentes dos padronizados e aceites socialmente. São colocados nessa perspectiva estudos realizados por autores como: Goldenberg (2011), Ameno (1999), Tessari (2008) e Aissa (2013).

Goldenberg (2011), na sua obra intitulada "*A Outra: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado*" discute a ideia segundo a qual, a “Outra”, também tomada como amante, não tem uma identidade própria, é estereotipizada pela sociedade, na medida em que é pejorada como a promíscua, a destruidora de lares, a vilã do rompimento dos relacionamentos sólidos e formais. A maioria vive na clandestinidade, pois não pode aparecer publicamente nem participar de uma vida social junto do seu parceiro.

Na perspectiva de Goldenberg (2011), a “Outra” é, maioritariamente, bem colocada no mercado de trabalho, independente financeiramente, decidida e está envolvida com homem casado apenas pelo sentimento que nutre nele e não pela segurança material, uma vez que esses envolvimentos não lhe conferem nenhuma recompensa; portanto, ressalta que, nesses casos, ser a “Outra”

funciona para preencher as lacunas sentimentais, como forma de suprir a carência, já que se apoia no quesito “sexo”, para justificar a sua condição.

Ressalta ainda Goldenberg (2011) que, dentro da categoria *amante*, existe a “Outra” que só se relaciona com homens casados por alguns interesses financeiros, são as referidas *marandzas*¹, as namoradas que, neste caso, não se vêem obrigadas ao cumprimento das obrigações rotineiras, que envolvem desde a resolução de problemas até às tarefas domésticas, apenas administram e absorvem o lado bom da intimidade, que se resume numa convivência curta, poucas horas e apenas alguns dias da semana, mas com qualidade garantida de ter um homem que chega com excelente humor, presenteia e oferece sexo de qualidade.

Ameno (1999), na sua obra intitulada "*A função das amantes no casamento monogâmico*", apresenta resultados do seu estudo, onde menos que a metade dos seus entrevistados admitiu ter relações extraconjugais. Para a autora, as amantes são uma espécie de remédio que combate o efeito corrosivo da união monogâmica sobre a individualidade dos parceiros, onde os homens recuperam o espaço perdido no casamento com o auxílio das amantes. Para eles, segundo Ameno (1999), o casamento é um lugar sem privacidade para os desejos íntimos, levando assim à infidelidade e traição, que representa o espaço em que este homem reconquista a sua masculinidade.

O casamento transforma-se então numa obrigação social em que os indivíduos na sociedade se casam com medo de ficarem sozinhos. Os homens começam a mudar após o nascimento dos filhos, descobrindo que se casaram com a mulher-mãe, procuram então a mulher erotizada como forma de reactivar a sua masculinidade. Por isso, para Ameno (1999), a amante torna o mundo do homem cor-de-rosa, embora ela exista num espaço reservado pelo facto de suscitar uma individualidade repudiada pela sociedade.

Tessari (2008), no seu estudo "*o preconceito e a alegria de ser amante*", apresenta não só diversas razões que levam as mulheres a se relacionarem com homens casados, mas também as consequências destes relacionamentos. Das várias razões apresentadas pela autora, vale discutir as que parecem ser mais relevantes, a primeira destas é o facto das mulheres serem amantes por irresponsabilidade, diz autora, elas aceitam ser a “Outra”, pois encontram nos homens nessa

¹*Marandza* é um cognome atribuído às mulheres que se submetem à condição de “Outras” como forma de ganhar dinheiro e bens materiais em troca de sexo, é também atribuída a mulheres e homens que tenham uma pré-disposição para gostar de coisas fáceis.

condição o que nunca tiveram na vida: amor, carinho e afecto, porém, depois de um determinado tempo, esta relação deixa feridas para a própria amante. A outra razão levantada por Tessari (2008) é o facto da “Outra” não querer uma relação séria, pois isso implicaria uma rotina cheia de cobranças e obrigações acarretadas pelo comprometimento. A autora ressalta ainda que uma relação com homem casado é sempre uma relação cheia de limites, uma relação que tem de levar em conta a existência da esposa oficial que a qualquer momento pode requerer a presença do seu marido, sendo este prontamente obrigado a corresponder.

Aissa (2013), no seu estudo "*A Outra: percepção social sobre a sua condição de amante*", procura mostrar como as amantes se auto-avaliam e se entendem mediante a relação e os valores simbólicos que ela partilha socialmente. Tendo trabalhado com um universo de 25 entrevistadas, pôde entender, por um lado, que a “Outra” se percebe na sua condição de amante não como uma simples companheira do homem ou parceira complementar do casamento deste, mas ocupante de um lugar de destaque, chegando mesmo a se considerar esposa, considerando as dinâmicas sociais que esta “Outra” partilha no seu dia-a-dia e principalmente pela forma como ela tem conduzido a relação com um homem casado.

Por outro lado, Aissa (2013) enfatiza que os resultados do seu estudo ao mostrarem que, nalguns casos, a “Outra” percebe a sua condição não só como uma forma de buscar maior autonomia e independência ou liberdade difíceis de alcançar no casamento, mas que também significa uma solução para os seus problemas materiais e financeiros através da sua condição de amante. Subentende-se que o conjunto de valores simbólicos partilhados na vida destas mulheres no quotidiano são vários e cada uma dessas dimensões de se perceber como “Outra” advém de como estas mulheres perspectivam o seu mundo e a forma como estas racionalizam esses valores simbólicos, de forma a manipular as suas faltas e carências.

Nos dois últimos estudos explanados, verificámos as motivações que tal como os homens, as mulheres agregam para iniciarem e manterem um relacionamento extraconjugal. À luz da nossa leitura, subentendemos que essas motivações se encontram enraizadas num complexo socialmente construído de hábitos e costumes. Há que se ressaltar, nessas motivações, o ideal da completude tanto para o homem casado, quanto para a “Outra”, este comportamento que, segundo Ameno (1999), é mais frequente nos homens casados do que nas mulheres, pelo facto destes encontrarem mais liberdade e a sociedade condená-los menos em relação às mulheres na

condição de “Outra”. Constatámos ainda, que Tessari (2008) tem uma conclusão distinta da formulada por Goldenberg (2011) e Aissa (2013), uma vez que afirma que as amantes estão sempre inseguras e sem muito espaço na relação, pois a presença da esposa legítima é constante e o homem ora casado deve cumprir com o seu dever de esposo provedor, sempre que for solícito. Distintamente das autoras supracitadas que afirmam que a esposa legítima é que vê o seu espaço perdido para a amante, a “Outra”, mas dividem a mesma opinião que os dois primeiros estudos no que concerne às egurança que é conferida à esposa, quanto à prontidão que o seu esposo demonstra sempre que ela precisar dele.

De acordo com as perspectivas e o debate acima levantados, podemos perceber que a monogamia, com a introdução do amor romântico, produz um sistema que impõe um modelo de relações através de um cerne de práticas (in)formais, produzindo por exemplo um determinado conjunto de sentimentos como o ciúme, a possessividade, a desconfiança e várias formas de angústias. Enfatiza Almeida (2006), que a monogamia não é meramente um relacionamento entre pessoas, ou mesmo duas pessoas juntas que não se relacionam com outras pessoas, mas, sim, um sistema que torna este modelo único e cuja forma de exercer tal normalização produz, inevitavelmente, sentimentos e reacções negativas. Tais sentimentos, não são mero produto da prática monogâmica, mas também dos seus produtores, pois é através deles que ela também se mantém e se reforça enquanto instituição social, como algo imbuído cultural e socialmente como padrão de normatividade.

Não obstante, na segunda perspectiva não há espaço para a discussão da existência da “Outra” por se tratar de relações abertas, tanto que a possibilidade de existência de uma terceira pessoa fora do casamento pressupõe uma negociação entre os cônjuges, e nesse caso tanto a mulher, quanto o homem casados têm a liberdade de ter um parceiro fora do casamento.

Debate-se com a ideia de que os indivíduos são livres de exercerem seus intentos e seus desejos. O casamento, neste molde de relação, não impede que tanto o homem como a mulher casados tenham outros parceiros, daí que a “Outra” é tida e mantida a partir de um consenso do casal e, muitas vezes, a ideia de se relacionar fora do casamento é tida como uma estratégia de o manter vivo. Este debate é levantado à luz das perspectivas dos seguintes autores: Goldenberg (2000b), Lessa (2010), Kessler (2015) e Shorter (1975).

Dentre os diferentes grupos não-monogâmicos a serem discutidos nesta segunda abordagem, estão presentes casais abertos que mantêm relações livres, a partir das quais podemos caracterizar a representatividade da “Outra”. Nas relações não monogâmicas, não se pode afirmar claramente a relação entre individualismo e colectividade, pois esses indivíduos compreendem suas escolhas por causa da ampliação de permissões sociais no espectro de possibilidades e opções disponíveis.

Conforme Kessler (2015), no seu artigo intitulado "*Novas formas de relacionamento: fim de um amor romântico ou um novo consumo?*", não só nas relações monogâmicas como também nas não-monogâmicas, a relação de ofertar não é apenas passiva, ela conta também com as exigências e necessidades do indivíduo que empreende a acção. Com o passar do tempo, a aquisição de uma maior confiança permite que essas relações adquiram outros níveis, que haja um aprofundamento dos laços e, conseqüentemente, um aumento dos riscos nas acções. Esses riscos envolvem interesses e sentimentos de ambas as partes, mas também riscos socialmente conhecidos, os quais são mediados em negociações previamente estabelecidas. O autor procura ainda desenvolver o conceito de *casais abertos* que, na sua óptica, são aqueles nos quais há uma espécie de contracto entre os parceiros, um consenso sobre uma liberdade restrita, a qual permite o estabelecimento de outras relações, porém, sendo estas entendidas e tratadas como secundárias e invisíveis.

Segundo Lessa (2010), no seu artigo intitulado "*Abaixo a família monogâmica*", os praticantes das relações livres ou os casais abertos partem do pressuposto de que a sociedade actual não permite o diálogo e a indagação da monogamia, sob os argumentos que sustentam a heteronormalidade como prática socialmente aceite. Dessa forma, a não monogamia pressupõe contrapor a estrutura social actual, renunciando a monogamia e a situação de infidelidade, às quais se submetem os casais que moram juntos por causa das coerções sociais [a existência da “Outra” pode ser justificada pela infidelidade que, por sua vez, é percebida como derivada do tédio (quesito rotineiro), da mentira (de que não há desejo ou atracção por outras) e da dissimulação (de que o ideal romântico e de ilusão e algo verdadeiro e eterno)], daí que essa situação se torna um acto legítimo e não pode ser tratado de forma pejorativa, uma vez que, segundo o autor supracitado, o homem só se envolve com a “Outra”, apenas para manter o seu casamento vivo.

A rede de relações não monogâmicas parte do pressuposto de que os casais, quando formados, não possuem como indagação inicial se o relacionamento será monogâmico ou não, pois, de uma maneira implícita, todos os relacionamentos partem de um marco inicial monogâmico. Essa rede, segundo Lessa (2010), entende que o casamento é uma instituição que perpetua o costume e a tradição de algo que foi determinado socialmente há vários anos, mas que tem sofrido alterações em termos de prática discursiva. A visão não-monogâmica não apenas se apresenta como outra forma de expressão dos afectos, mas também se contrapõem discursivamente ao modelo económico e social vigente. A socialização dos afectos mostra-se como contraposição à privatização, de tal forma que a liberdade do consumidor-produtor é apropriada pelos indivíduos que partilham as relações não monogâmicas, como forma geral de liberdade de escolha nas relações afectivas e/ou sexuais.

Essa ideia é reforçada por Shorter (1975), quando afirma que dois fenómenos recentes enfraqueceram a força da união permanente na chamada família pós-moderna. O primeiro foi a intensificação da vida erótica do casal, uma vez que, o apego sexual é notoriamente instável e os casais que se apoiam em tal base sujeitam-se a ser facilmente fragmentados porque a satisfação erótica se torna um elemento essencial na existência do casal. Nesse caso, o risco de dissolução matrimonial aumenta, uma vez que as mulheres se tornam independentes economicamente e podem romper com as uniões insatisfatórias, tornando o casal vulnerável a relações sexuais e afectivas fora do casamento, porém, nesse âmbito, não como uma fuga à instabilidade do casamento, mas um acto consensual de liberdade e aquisição de experiências diferentes que precisam ser vividos para tornar o casamento mais tolerável.

No artigo intitulado "*Sobre a invenção do casal*", Goldenberg (2000b) procura, a partir de uma discussão das representações existentes sobre os papéis femininos e masculinos em relação à conjugalidade e sexualidade, analisar as facilidades e dificuldades nos relacionamentos afectivos-sexuais dos tempos recentes. A autora indaga-se da dificuldade que os casais dos tempos recentes têm de levar uma vida conjugal por muito tempo, sem envolver terceiros. Goldenberg (2000b) destaca que, nas últimas décadas, devido ao impacto dos movimentos femininos, que contribuíram enormemente para que as mulheres assumissem novos espaços públicos, profissional e politicamente. Essas transformações de papéis fazem com que homens e mulheres sejam parecidos em comportamentos, visões de mundo e desejos. Sendo assim, para a

sua questão, a autora encontra duas respostas: há maior autonomia e independência feminina, devido à sua entrada massiva no mercado do trabalho, tornando-se mais exigente e com mais capacidade de escolha dos seus relacionamentos, de acordo com os seus desejos. Ocorre ainda a excessiva valorização da sexualidade, que faz com que muitos casais busquem acima de tudo a satisfação sexual no casamento, mesmo depois de muitos anos de casados.

No que concerne às mudanças que ocorrem na sociedade actual, Kessler (2015) concorda com Goldenberg (2000b) e Shorter (1975), pois os três afirmam que essas mudanças que acompanham o capitalismo e os movimentos feministas dão mais autonomia à mulher em relação ao homem, abrindo mais a possibilidade de traição por parte delas em relação àquela verificada em tempos anteriores. O envolvimento de mulheres casadas com outros homens nestes moldes de relacionamento é de certa forma justificada pela abertura que a relação tem para aquisição de novos parceiros, que acontece maioritariamente por parte dos homens, isto é, surge como resposta à liberdade que a sociedade concede aos homens de terem relações extraconjugais como se constituísse um efeito *dominó* ou de causa-efeito.

É possível constatar que os autores comungam a ideia segundo a qual as relações conjugais assim como as extraconjugais vão ganhando com o tempo novas configurações como resultado de um conjunto de mudanças que acompanham as sociedades modernas. Neste sentido, as relações amorosas relacionadas à infidelidade tanto do homem assim como da mulher, devem ser tratadas de forma contextualizada.

Contudo, efectivado o debate que se assenta nas duas principais abordagens apresentadas anteriormente, observámos uma unanimidade nos autores das duas abordagens, no que concerne à representatividade da “Outra” na sociedade em geral e na vida dos homens casados em particular, apesar dos variados ângulos de análise que os autores apresentam, porém, notámos uma insuficiência, principalmente na primeira abordagem, da qual nos socorremos para explicar, efectivamente, como a “Outra” constrói a sua identidade a partir da forma como ela gerencia a relação mantida com o homem casado, isto é, partindo do pressuposto de que os padrões sociais cosntruídos em torno dos relacionamentos amorosos não permitem, no modelo monogâmico, a existência de relações paralelas à relação oficial, nesse caso, a mulher na condição de “Outra” é estereotipizada e a relação mantida entre ambos é sensurada e não se abre espaço para que esta

seja partilhada socialmente, razão pela qual ela é obrigada a criar uma série de estratégias para a manter.

Uma das tentativas explicativas desse processo aqui apresentada limita-se a aferir que a “Outra”, sendo uma actriz social, é capaz de construir a sua própria percepção social sobre a sua condição sem que tenha que tomar em consideração a sua funcionalidade relativamente à manutenção ou não do casamento do seu parceiro. Não é explicado de forma exaustiva, tal como foi referido acima, de que forma essa percepção de ser amante é construída ou explicar os processos pelos quais se efectiva essa percepção, os estudos analisam esta realidade social de forma generalizada, a partir da evolução das sociedades e ajustada em aspectos conjunturais, não se ocupando especificamente de compreender o sujeito em si.

Portanto, a nosso entender, mais do que compreender o processo de construção da identidade, seria interessante também compreender em que circunstâncias a “Outra” pode gerir a sua identidade, porque estes dois processos se efectivam em simultâneo.

Em paralelo aos debates levantados, realizámos um estudo exploratório com os sujeitos envolvidos nessas formas de relação e, em função do mesmo, orientámo-nos pela primeira abordagem, que refere que manter uma relação fora do casamento ou do compromisso significa infidelidade e violação das regras construídas pela sociedade, pudemos constatar que essa realidade social se mostra como uma nova forma de envolvimento, fomentado pelo consumismo e pelo imediatismo.

Neste sentido, assumimos de forma provisória que a “Outra” aqui tratada, na sua gerência da relação com o homem casado, não perspectiva solidificar a mesma, na finalidade de aprofundar os laços afectivos e posterior formulação de uma família paralela, mas, sim, procura a satisfação das suas necessidades ou carências financeiras e materiais em troca de prazeres sexuais, tanto que são negociadas as normas de relação ainda na sua constituição, para que, caso incorra a uma situação não projectada inicialmente, haja sempre uma ponte que salvaguarde o trato inicial, para não comprometer a solidez do casamento e da família, e é importante tomar em conta que as relações com a “Outra” nesse âmbito são de curto prazo.

Partindo do pressuposto de que a condição da “Outra” é uma construção social e que pode ser determinada de forma subjectiva e relativa em detrimento do espaço em que ela se insere,

assumimos que tanto a “Outra” quanto o homem casado têm consciência da “proibição” da relação que mantêm, o que os leva a adotar um conjunto de estratégias para gerir a relação e, a mulher em particular, a manipular a sua condição de “Outra”. Assim, nesta pesquisa, procuramos captar essas estratégias e perceber as lógicas que orientam as interações entre a “Outra” e o seu meio social, interações estas que concorrem para a produção da sua identidade social. E, é com base neste pressuposto, que construímos a seguinte pergunta de partida: *De que maneira a “Outra” constrói e gere a sua identidade social, tomando em conta a ideia de que a relação mantida com o homem casado não é socialmente aceita?*

CAPÍTULO II

2. Enquadramento teórico e conceptual

Nesta secção, procedemos à apresentação da teoria que nos possibilite interpretar a realidade social a que nos propomos analisar e nos orientamos em duas perspectivas teóricas, nomeadamente, a teoria do estigma sobre a manipulação da identidade deteriorada, de Erving Goffman (1980), como teoria principal, e a teoria da construção da identidade, de Claude Dubar (2006), como auxiliar.

Goffman (1980) aborda, na sua obra, a questão da construção e gestão das identidades sociais e entende que as mesmas não são estáticas, pois variam de acordo com a situação de interacção social em que o indivíduo se encontra. Ou seja, o autor compreende que os indivíduos estão permanentemente a representar papéis sociais que variam de acordo com a situação de interacção na qual se encontra.

O autor entende que a sociedade cria um conjunto de categorias e atributos que definem a normalidade, sob as quais os indivíduos se devem comportar e agir. São estas categorias e atributos que definem a identidade social do indivíduo e vão determinar a forma como este se relaciona com os demais membros da sua colectividade. As rotinas de relação em ambientes estabelecidos permitem-nos um relacionamento com os outros previstos, sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um determinado indivíduo nos é apresentado, os primeiros aspectos permitem-nos prever a sua categoria, os seus atributos e a sua identidade social; pelo que, baseando-se nessas premissas, transformamo-las em expectativas normativas e exigências apresentadas de forma rígida. Estas exigências deveriam ser denominadas por demandas feitas de forma afectiva e o carácter que imputamos ao indivíduo deveria ser encarado como uma atribuição potencialmente projectada por uma retrospectiva seria a identidade social virtual, e as características que o indivíduo provar possuir, tomadas como a sua identidade social real.

Os meios que a sociedade usa para definir a normalidade moldam-se também em expectativas sobre como os indivíduos devem agir. Diante disso, o autor distingue a identidade virtual (que se constitui naquilo que a sociedade espera que o indivíduo seja), da identidade real (que se constitui na forma como o indivíduo é). Com relação às acções e comportamentos dos indivíduos, a sociedade constrói expectativas e para que sejam correspondidas, estes mesmos

indivíduos são sujeitos a um processo de socialização onde aprendem as normas e regras do meio social em que estão integrados.

Para Goffman (1980), estamos diante do estigma, quando um indivíduo determinado apresenta uma característica ou atributo que se diferencia dos demais membros da sociedade, algo que faz com que o mesmo seja considerado anormal e que sobre ele se constroem vários estereótipos. O estigma, na perspectiva do autor, tem duas dimensões: a primeira lida com a condição de desacreditado, onde o estigmatizado assume que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente; a segunda liga-se à condição do desacreditável, já que esta não é conhecida pelos presentes e nem é imediatamente por eles perceptível.

O estigmatizado descobre que é diferente, pois que enfrenta dificuldades para se integrar socialmente, devido a uma característica física ou social de que é portador. Goffman (1980), considera que várias podem ser as respostas que o portador de um estigma pode apresentar: isolar-se dos demais membros da colectividade, dedicar-se e se empenhar nas actividades consideradas para indivíduos normais, agrupar-se aos seus semelhantes ou ainda querer tirar vantagem da sua condição ou situação, entre outras estratégias de gestão identitária. Tais estratégias são adoptadas nas situações em que os portadores de estigma se encontram em interacção com os outros indivíduos, principalmente aqueles que são considerados normais.

Basendo-se na teoria do estigma, partimos do pressuposto fundamental de que a sociedade é que define a normalidade das acções e comportamentos para os seus integrantes e, por essa razão, prevê um conjunto de situações indesejáveis que podem ser consideradas anormais. Mais especificamente, a sociedade define como normais às relações amorosas que pressupõem a conjugalidade de duas pessoas (ou noutros contextos que assumam a poligamia com legitimidade), prevendo assim como anormais as relações amorosas que envolvam a terceira ou quarta pessoa sem legitimidade na conjugalidade já definida. Portanto, aquelas mulheres que se submetam à condição de “Outra” e, sobretudo, de forma ilegítima, são portadoras de um atributo social que as rotula diante dos demais indivíduos e, portanto, tornando-se portadoras do estigma pessoal².

² *Estigma pessoal*: relacionada a culpas de carácter individual, percebidas como vontade fraca, paixões incomuns, crenças falsas, rígidas e desonestas, para Goffman (1980), estas culpas podem ser inferidas a partir de relatos conhecidos como, por exemplo, os distúrbios mentais, desemprego, amantização, alcoolismo, entre outros.

Propomo-nos aplicar esta teoria como nossa ferramenta interpretativa, tendo em conta o objectivo da pesquisa: compreender a construção e gestão da identidade da mulher na condição de “Outra”, por acreditarmos que pode possibilitar uma compreensão profunda da realidade social em análise, pois enfatiza a relação existente entre os indivíduos portadores de estigma e os não portadores de estigma e das estratégias de gestão identitária dos indivíduos estigmatizados. Neste prisma, a “Outra” representa uma minoria social, num contexto em que as regras e normas sociais são predominantemente marido e mulher, por isso, são portadoras de um atributo depreciativo.

A perspectiva teórica auxiliar é apresentada por Dubar (2006), segundo o qual existe dois elementos característicos da identidade, designadamente, a *diferenciação* e a *generalização*. Sobre diferenciação, o autor mostra que a identidade é aquilo que faz a singularidade de alguém ou alguma coisa em relação a outra coisa ou outro alguém, ou seja, a identidade, para ele, é a diferença. E, a partir da generalização, mostra que a identidade é o ponto comum a uma classe de elementos diferentes de um todo, isto é, a identidade é a pertença comum.

Para compreender o processo de construção da identidade do indivíduo, há que se ter em conta o conceito de configuração identitária, que é, segundo Dubar (2006), as diversas modalidades de actualização das formas identitárias. Com este conceito, o autor mostra que cada indivíduo está propenso a ser identificado ou identificar-se de formas múltiplas, seja a partir da sua linguagem, sua aparência física, sua maneira de vestir, de ser e estar e até das actividades que exerce, entre outros.

Baseado no conceito acima citado, Dubar (2006) advoga que é possível identificarmos duas formas identitárias básicas, nomeadamente: as formas comunitárias, também denominadas por formas culturais, e as formas societárias, designadas também de narrativas.

As formas comunitárias compreendem os grupos sociais principais, comunidades, por exemplo, a que cada indivíduo pertence ou da qual faz parte e que são vitais para a sua existência. Esses grupos podem ser etnias, culturas, nações e corporações. Enquanto as formas societárias constituem colectivos múltiplos, variáveis, efémeros, aos quais os indivíduos aderem durante períodos limitados e que lhes conferem as formas de identificação que lhes gerem de maneira provisória e diversa (Dubar, 2006).

O autor prossegue afirmando que entre as formas comunitárias e societárias de identificação, é possível ainda encontrarmos duas intermediárias, as formas reflexivas e as estatuárias. Com este ponto, visa mostrar que não existe uma forma identitária que prevalece sobre as outras, dependendo de cada contexto em que o indivíduo está inserido, é possível encontrar uma forma de identificação em detrimento de outra, complementando-se umas às outras.

Defende ainda que a identidade é produto da socialização pela qual o indivíduo passa. E, desse modo, a socialização constitui uma base para compreender a construção da identidade dos indivíduos. Nesse sentido, Dubar (2006) concebe a socialização como um processo de (des) construção e (re)construção de identidades ligadas a diversas esferas de actividade, principalmente profissional, que cada um encontra durante a sua vida e das quais deve aprender a se tornar actor. Importa referir que a socialização se encontra subjacente às formas identitárias acima referidas, ou seja, o indivíduo se identifica pelo grupo social do qual faz parte, no caso, a comunidade, ou se define pela posição social que ocupa numa organização profissional.

Esta proposta teórica possibilitou-nos compreender como a identidade da “Outra” é ou pode ser construída através dos processos de socialização correlacionados com a forma como esta encara e gerencia a relação que mantém com homem casado. Isto é, a socialização poder-nos-á mostrar as diversas influências exteriores que as mulheres sofrem e que contribuem para a adopção da aceção “Outra” como a sua identidade.

2.1. Conceptualização

Os conceitos podem ser entendidos como elementos que permitem a aproximação da realidade empírica, através do estabelecimento de dimensões e indicadores. Os conceitos básicos que norteiam o nosso estudo são: *Relações amorosas*, *Identidade social*, *Estigma* e “*Outra*”.

2.1.1. Relações amorosas

Dentro da nossa sociedade ocidentalizada, as relações amorosas ocupam um papel central na vida social. O conceito vem sendo (re) definido em função das novas formas, a partir das quais este fenómeno se vai manifestando na vida social concreta. As definições actuais procuram destacar e diferenciar as relações amorosas.

Para alguns autores, a exemplo de Neves (2007), o amor tem sido entendido não só como a base para as interacções sociais, mas, também, a chave para todas as escolhas humanas. Contudo, é

praticamente irrefutável a pertinência e a frequência com que o amor se tem manifestado nas nossas vidas e, principalmente, dentro da nossa cultura. O conceito de relações amorosas, para este autor, remete-nos ao fruto de uma determinação social e histórica.

O modo como nos iremos relacionar afectiva e sexualmente com o outro, o que procuramos no parceiro, os valores esperados numa relação e o modo como esta se irá configurar é condicionado pelo tempo histórico em que o sujeito está inserido. Para entender a dinâmica das relações amorosas, torna-se necessário investigar como se configura no nosso momento histórico-cultural e por quais mudanças ele tem passado e de que forma as velhas concepções se relacionam com as novas, produzindo subjectividade.

As relações amorosas são estudadas, segundo Cruz e Maciel (2012), como uma experiência científica que exige compreensão multidimensional das características dos vínculos conjugais e das redes das relações sociais em que estão envolvidos. Esses vínculos são complexos, pelo facto de cada relacionamento ter uma configuração própria que varia de acordo com as necessidades e expectativas individuais dos envolvidos afectivamente, e com a dinâmica e cultura em que estão inseridos.

Os autores supracitados assumem ainda que as relações amorosas possuem objectos de estudos característicos da Psicologia, como a natureza dos vínculos, os processos motivacionais e a busca por satisfação, aspectos próprios de uma relação amorosa. Cabe salientar que, com o passar dos anos, a configuração dessas relações tomou várias formas e nomenclaturas como: casais, namorados, companheiros, parceiros, ficantes, namorados, entre outros.

Todas as definições acima trazidas são actualizadas e reflectem a realidade. Entretanto, sem optar por uma ou por outra, neste trabalho, concebemos as relações amorosas na dimensão de namoro. Neste sentido, relação amorosa deve ser entendida como a relação afectiva mantida entre duas pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas e partilharem novas experiências.

Numa relação tradicional, o namoro é a fase do relacionamento que antecede o noivado e o casamento, o casal partilha conhecimentos, fortalece a confiança e cumplicidade e experimenta relações mais íntimas, de natureza emocional e/ou sexual, que servem de base para decidirem se firmam um compromisso mais sério, é uma relação mais leve e menos exigente que um matrimónio, mas, também, envolve fidelidade entre os namorados. Hoje em dia, em muitos

casos, o namoro não tem como objectivo o casamento. São namoros liberais e as relações tendem a ser cada vez mais fluidas.

2.1.2. Estigma social

O conceito de estigma social é discutido por Goffman (1980) enquanto marca ou atributo que designa o seu portador como desqualificado ou menos valorizado, ou seja, qualquer característica, não necessariamente física ou visível, que não coaduna com o quadro das expectativas sociais sobre um determinado comportamento individual.

Todas as sociedades definem categorias acerca dos atributos considerados naturais, normais e comuns do ser humano, o que o autor supracitado designa por identidade social virtual. Nesse sentido, o indivíduo estigmatizado é aquele cuja identidade social real inclui um qualquer atributo que frustra as expectativas de normalidade.

No nosso trabalho, entendemos como estigma social a condição de “Outra” a que as mulheres que se relacionam com homens casados estão sujeitas, o que faz com que elas sejam estereotipizadas e rotuladas por não se enquadrarem nos padrões socialmente construídos de uma mulher ideal. Nessa senda, criam uma identidade social virtual, como forma de gerir as expectativas sociais criadas sobre ela, ocultando a sua identidade social real, a condição de “Outra”.

2.1.3. Identidade social

O conceito de identidade social é, aqui, reflectido para perceber como é construída e gerida a identidade das namoradas dos homens casados, particularmente as que lidam com esta realidade na cidade de Maputo.

Dubar (2006) define o conceito de identidade social, abarcando duas facetas, ou seja, esta constrói-se a partir da interacção entre a identidade para si (o que o indivíduo acha de si mesmo), que compreende as biografias produzidas pela trajectória e experiência que os indivíduos adquirem no percurso da sua vida. Por outro lado, temos a faceta da identidade para o outro (aquilo que os outros indivíduos acham sobre o indivíduo dentro de um contexto social e temporal específico). Esta identidade é adquirida pela pertença dos indivíduos a grupos étnicos, tribos, nação ou classe social.

Ciampa *apud* Faria & Sousa (2011), concebe a identidade como uma metamorfose, ou seja, uma constante transformação, “ sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social ”.

Na concepção de Giddens (2005), o conceito relaciona-se ao conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são e o que é significativo para elas. De acordo com o autor, a identidade perpassa duas dimensões que se encontram intimamente ligadas. Isto é, podemos encontrar no indivíduo, analiticamente, uma identidade social e uma identidade pessoal ou auto-identidade. Por identidade social compreende-se em Giddens (*idem*), como um conjunto de características que são atribuídas ao indivíduo pelos outros, permitindo definir que é o mesmo. Por outro lado, a identidade pessoal consiste na percepção que o indivíduo tem de si mesmo e do mundo à sua volta.

Na perspectiva de Berger & Luckmann (2002), o conceito de identidade é formada pelos processos que são determinados pela estrutura social. E, para a sua manutenção e modificação, é condicionada pelas relações sociais. A formação da identidade, para estes autores, parte da interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social. De forma sintética, os autores concebem a identidade como um fenómeno que deriva da dialéctica entre o indivíduo e a sociedade.

Observámos algumas convergências nas definições, onde todas colocam em evidência a ideia da identidade se assentar em duas dimensões: uma individual e outra social, e nessa perspectiva, Giddens (2005) e Dubar (2006) afirmam que estas duas dimensões se encontram intimamente ligadas no quotidiano dos indivíduos durante o processo de interação social. Por outro lado, Berger & Luckmann (2002) mostram que a identidade do indivíduo é produto da relação que o mesmo mantém com a sociedade. Ou seja, a análise da identidade só é possível de ser feita, tendo-se em conta essa dialéctica. Ciampa (2011) refere-se à intersecção da história do indivíduo, ao contexto sócio-histórico e aos projectos dos indivíduos.

Contudo, no presente estudo, entendemos como identidade social a concepção que o indivíduo constrói de si próprio, resultante da interpretação que tem de si mesmo e da interpretação que os outros têm dele, influenciado pelos vários grupos aos quais pertence, enquanto membro da sociedade.

2.1.3. A "Outra"

O conceito de "Outra" perpassa entrelinhas conflituosas, sendo ainda relacionado ao termo amante, que é, portanto, carregado de muitos estereótipos, que designa, até então, uma mulher promíscua, sem princípios e repudiada pela sociedade, uma mulher cujos valores morais divergem com os impostos socialmente, uma mulher que não se dá ao respeito e, sempre, reflecte num modelo aversado de mulher provedora, dona do lar e merecedora de respeito e reconhecimento das pessoas. Porém, Goldemberg (2011) sugere transitar o termo de amante para o de "Outra", pois, para ela, tomado como conceito, mostra-se mais estável ou fixo, capaz de ser sintetizado e analisado em função da dimensão pela qual é tomada, ou seja, é mais dinâmico e permite discussões sólidas e válidas.

Segundo Goldemberg (2000b), debruçar-se sobre a "Outra" não é uma tarefa simples, pelo facto de se tratar de um assunto extremamente particular, sendo assim, não existe um conceito específico sobre a "Outra" e este varia de contexto para contexto. Ademais, esta autora define a "Outra" como sendo aquela mulher que mantém relações sexuais e afectivas com homem casado, tendo conhecimento da existência da legítima esposa.

Temo-nos deparado com uma fraca sistematização no que diz respeito à construção de uma definição elaborada da "Outra", sendo assim, recorremo-nos à concepção que Goldemberg (2000b) apresenta, porém, tomando em conta a discussão que o presente trabalho tenta levantar, consideramos a "Outra" como sendo a mulher que mantém relações sexuais-afectivas com homem casado, tendo conhecimento da existência da legítima esposa e, entretanto, não tendo tendências em perspectivar uma solidificação da relação para posterior construir uma possível família paralela à oficial, interessando-se apenas em satisfazer o homem casado sexualmente, em troca de favores materiais e satisfação financeira, o que faz dela uma mera namorada (ficante ou casual).

CAPÍTULO III

3. Aspectos metodológicos

3.1. Método de abordagem

O presente trabalho de pesquisa privilegiou uma metodologia de abordagem qualitativa, na medida em que possibilita um exercício com profundidade na recolha e análise dos dados, permitindo-nos não só elaborar categorias analíticas da “Outra”, concebidas pelas entrevistadas, como também analisar a forma como estas práticas se reflectem na gerência da relação. O método qualitativo foi-nos bastante útil e apropriado, pois, através dele, procuramos identificar elementos práticos que se apresentam no quotidiano da “Outra” de forma bastante subjectiva, o que faz com que não seja de fácil identificação.

A pertinência do método qualitativo no presente estudo é justificada por Richardson (2008), que afirma que este método “permite ao pesquisador aprofundar o universo simbólico do objecto estudado e permite captar sentidos e valores que cercam o objecto de estudo”. De igual modo, para a autora supracitada, a pesquisa qualitativa possibilita vislumbrar com substância a parte do social não captável e perceptível por meio de inferências estatísticas.

3.1.1. Método de procedimento

Como método de procedimento, privilegamos o monográfico. Este método possibilitou-nos partir de informação imediatamente identificável, ligada à constituição de relações paralelas ao casamento por parte dos homens, a informação só poderia ser acessível depois de se atingir um nível profundo de exploração. Foi neste sentido que pudemos atingir e recolher informação na qual conseguimos identificar formas específicas de constituição e gerência de relações amorosas levadas a cabo pela “Outra”. Segundo Gil (2007), o método monográfico, também assumido como estudo de caso, consiste em seleccionar poucos casos e realizar uma exploração profunda da informação disponível sobre os mesmos, de modo a esgotar todos os elementos relevantes.

3.2. População e amostra

3.2.1. Quanto ao grupo-alvo

O estudo foi composto por mulheres que estejam na situação de “Outra” ou que tenham mantido uma relação afectiva com um homem casado (ainda que não seja formalmente, desde que esteja comprometido e que viva maritalmente), privilegiando aquelas que mantêm ou mantiveram a relação de forma casual/esporádica, sem interesse por uma solidificação para um relacionamento sério ou que seja objectivamente significativo em relação à vida conjugal do homem. As mulheres que mantiveram ou que mantêm a relação nesses moldes foram identificadas a partir dos homens casados com os quais se envolveram e de alguns pares que, conseqüentemente, fazem parte da nossa rede de contacto, o que nos possibilitou identificar e solicitar as entrevistas ao longo dos primeiros contactos que tivemos com as mesmas.

3.2.2. Quanto ao tipo de amostragem

Sendo um estudo de carácter qualitativo, preconizamos a amostragem não probabilística, visto que se adequa a esse tipo de abordagem, pois que não é um estudo com finalidades de estabelecer inferências estatísticas para representatividade total, mas, sim, analisar uma realidade que seja significativa a um certo grupo social, por isso, não houve necessidade de se conhecer o universo amostral das mulheres que se relacionam com homens casados, pois, nem todas tiveram a mesma probabilidade de fazer parte da nossa amostra.

As entrevistadas foram seleccionadas por intencionalidade, isto é, dos homens casados da nossa rede de contacto, identificámos aqueles que estabeleciam relações amorosas de forma frequente fora do casamento e que a posterior intermediaram o contacto com as mulheres com as quais se relacionaram ou se relacionam na cidade de Maputo, que foi, neste caso, o nosso espaço amostral.

3.2.3. Quanto à amostra(gem)

Lakatos e Marconi (2001) afirmam que a amostra intencional/convencional consiste em usar um determinado critério e escolher intencionalmente um grupo de elementos que irão compor a amostra. O investigador selecciona os grupos da população dos quais deseja saber as suas características típicas e deles pretende obter a informação desejada. Assim, o nosso critério de

selecção foi o estabelecimento de relações afectivas que pressupõem, a priori, a troca de bens materiais e satisfação financeira por prazeres sexuais.

Foram entrevistadas oito (8) mulheres seleccionadas, com idades compreendidas dos dezoito (18) aos trinta e dois (32) anos, das quais quatro (4) são exclusivamente estudantes, duas (2) trabalhadoras e estudantes e duas (2) são exclusivamente trabalhadoras. Procurámos compreender a construção da identidade da “Outra” e a gerência da relação levada a cabo por ela no seu todo, sem limitar a sua condição social.

3.3. Técnicas de recolha de dados

Para a colecta dos dados, recorremo-nos ao uso de entrevistas que, segundo Silva & Menezes (2001), consistem na recolha de informações ou obtenção de esclarecimentos sobre determinado assunto, através dos principais intervenientes. E, para esta pesquisa, foram usadas as entrevistas semi-estruturadas, compostas por um guião pré-definido de questões e que permite a colocação de outras questões que não estão necessariamente nele previstas. Estas entrevistas foram administradas de forma individualizada, o que nos permitiu dispor de condições confortáveis e tempo suficiente, para que pudéssemos ter uma interacção satisfatória com os interlocutores. As entrevistas duraram em média 45 minutos, o que foi suficiente para que pudéssemos recolher os dados necessários. Com esta forma de estruturação de entrevista, pudemos, nalguns casos, produzir novas perguntas e transformar algumas respostas em perguntas, pois verificamos que, nalgum momento, as interlocutoras procuravam assumir uma posição moral diante da realidade em causa. Contudo, a introdução de novas perguntas permitiu-nos identificar a postura realmente assumida diante deste facto.

Os dados foram recolhidos com recurso a um celular que nos permitiu gravar as entrevistas com a permissão das interlocutoras. Numa fase posterior, nós mesmos, inicialmente, transcrevemos as gravações para folhas de papel e, na sequência, para o computador, sendo um procedimento adoptado para garantir não só a transparência dos dados, mas, também, a preservação da identidade das entrevistadas.

3.4. Questões éticas

Como forma de proteger a identidade das entrevistadas, preocupámo-nos em estabelecer um consentimento informado, onde nos responsabilizámos em privatizar não só a imagem, bem

como a integridade das participantes. Pelo que, os nomes usados são fictícios (personagens da série *La Casa de Papel*).

Aplicámos, nesta pesquisa, a imparcialidade e neutralidade científicas, como forma de nos capacitarmos para que não ocorressem situações de duplo constrangimento, ou emissão de juízos de valor por nossa parte, comprometendo assim a validade dos resultados. Preocupámo-nos, também, em conceder as entrevistas em espaços acolhedores e que não transmitissem insegurança ou que expusessem as participantes da pesquisa.

3.5. Constrangimentos e limitações da pesquisa

Durante o processo de pesquisa, enfrentámos algumas dificuldades referentes às diferentes etapas por que passámos desde a concepção à execução da mesma. A principal dificuldade que enfrentamos prendeu-se na interacção com as mulheres na situação de "Outra", provavelmente pelo facto destas terem consciência da sensibilidade, do preconceito e do estigma em relação à sua condição.

Durante as entrevistas, foi possível perceber que o nosso contacto com homem casado gerou, de alguma forma, desconfiança e reservas por parte da "Outra" com relação às intenções dos mesmos. Pensaram algumas, que pretendíamos fazer julgamento da sua situação ou fazer uma denúncia às legítimas esposas. Superou-se esta dificuldade inicial à medida que expúnhamos os propósitos da pesquisa.

Outro aspecto relevante a mencionar tem a ver com o facto desta pesquisa ser uma das poucas no contexto das discussões sobre a "Outra" em Moçambique. Foi difícil encontrar literatura que apresentasse um elevado grau de exploração do assunto analisado, sendo que as constatações que são aqui apresentadas não têm um suporte comparativo em relação a prováveis estudos anteriores que podem ter sido realizados no país.

Assim, a limitação observada neste estudo é de não poder ser generalizado ou usado para interpretar a situação geral da "Outra" em Moçambique, mesmo que apresente importantes contributos nesse sentido. Isto se deve ao facto deste estudo ter sido realizado com uma fracção ínfima de mulheres na situação de "Outra", além de não ter sido possível analisar os discursos e comportamentos de todos os potenciais intervenientes do processo de construção da identidade de mulheres nessa condição.

CAPÍTULO IV

4. Apresentação e análise dos dados

Neste capítulo, procedemos à apresentação dos dados que foram recolhidos no campo e, na mesma senda, fazemos a análise dos mesmos, tendo em conta a base teórica e os conceitos que orientam o nosso estudo. Este capítulo está organizado e subdividido em três secções fundamentais, nomeadamente: na primeira, fazemos menção ao perfil sócio-demográfico das entrevistadas, na sequência, apresentamos as percepções que a “Outra” tem sobre o namoro e, na terceira e última, discutimos as estratégias de construção e gestão da identidade da “Outra”.

4.1. Perfil sócio-demográfico

O perfil sócio-demográfico permite identificar e descrever as pessoas com as quais trabalhamos no estudo. Neste sentido, foram entrevistadas oito (8) mulheres. No que diz respeito às idades das mesmas, estão compreendidas entre dezoito (18) e trinta e dois (32) anos de idade. Todas são dos bairros periféricos da cidade de Maputo, das quais três (3) são residentes do Zimpeto, duas (2) do Magoanine e uma (1) do Malhazine e duas (2) do Choupal.

No que tange ao nível de escolaridade, duas das participantes têm o nível superior não concluído, ou seja, estão ainda frequentando o nível superior, cinco têm apenas o nível médio concluído (10^a e 12^a classes), e a restante com formação técnica profissional.

No que diz respeito à questão profissional, quatro (4) das participantes não são trabalhadoras, encontrando-se exclusivamente a estudar. Das três restantes participantes, duas são trabalhadoras e estudantes e uma exclusivamente trabalhadora, estas encontram-se distribuídas nas seguintes profissões: técnica de enfermagem geral, gestora administrativa de empresas e empreendedora.

Importa salientar que as participantes, nos seus tempos livres, têm tido como ocupação (também designado por *hobby*) leituras, filmes, redes sociais, beleza e culinária. A maior parte afirma ter começado a se interessar principalmente com a estética e com as noções culinárias na fase em que começaram a namorar e essa preocupação só se intensificou, para algumas, quando tiveram o primeiro contacto com o homem casado, afirmam que era para impressionar e se sentirem mais seguras delas mesmo.

De forma resumida, o estudo considerou mulheres, residentes nos bairros suburbanos da cidade de Maputo. Quanto à ocupação, estas são trabalhadoras e/ou estudantes e todas são ou já estiveram na condição de “Outra”, ou seja, são ou foram namoradas de homens casados.

4.2. Percepções sobre o namoro na perspectiva da “Outra”

O namoro é uma fase muito importante e de extremo autoconhecimento e conhecimento do outro para o indivíduo que decide iniciar uma vida compartilhada que pode (assim como não) culminar com a formação duma família, esta fase é marcada ou manifesta através da conjugação de sentimentos e objectivos projectados pelas partes envolvidas, porém, acreditamos ser importante perceber o que a “Outra” entende por namoro, para melhor compreender a influência do mesmo na construção da sua identidade. Nesta secção, apresentamos a concepção que a “Outra” tem do namoro. Pudemos identificar três (3) tipos de percepções: namoro como troca de sentimentos afectivos, namoro como troca de favores e namoro como um caminho para o casamento.

Os dados analisados possibilitaram-nos observar uma unanimidade nas entrevistadas sobre o que elas percebem como namoro, nas suas perspectivas têm o namoro como interligação de duas pessoas que se apoiam, mantêm conversas agradáveis, mantêm a amizade, companheirismo e respeito mútuo, nalgumas situações pode significar sentimentos de amor, às vezes é mesmo pelas trocas materiais. Como podemos observar nos depoimentos abaixo:

“ [...] é o momento que as pessoas se unem para se conhecerem, eles têm uma relação aberta, conversam, trocam intimidades!” (Nairobi, 24 anos).

“[...]para mim, namoro é troca de conversas, é uma amizade íntima entre um homem e uma mulher [...] visam totalmente tentar agradar outra pessoa, buscando conhecer mais para criar um laço um pouco mais forte, assim posso dizer, porque quando namoram[...]as conversas são mais íntimas e construtivas, o namoro serve para aprender alguma coisa, por isso acaba sendo mais íntimo!”(Tóquio, 19 anos)

Como podemos observar neste último depoimento, a entrevistada evidencia o carácter didáctico do namoro, na medida em que tira certas lições através das experiências que vivenciou ao longo das relações que manteve.

“ [...]namoro é interligação nem, de duas pessoas que se gostam ou que tenham um sentimento, por mais que não seja um sentimento de amor, porque hoje em dia muita gente namora por N

coisas, [...] haaaaa, muita gente namora por interesse, outros namoram porque lhes convém namorar, mas a maioria, eu creio que namora por amor mesmo[...] para mim devia, deve ser por amor, mas eu acho que hoje em dia nós não levamos as coisas por aí, yaaa!” (Moscow, 24 anos).

“[...] namoro é quando duas pessoas se desejam e tem algo a ganhar com isso, quando eu me envolvo com alguém é porque espero que a pessoa cuide de mim e eu também cuide da pessoa, claro que nunca é igual a forma de cuidar, cada um deve usar as armas que possui, deste que os dois sejam realizados e felizes, o amor vem com o tempo, até porque a forma como demonstramos o interesse vai ditar sem há chances de haver amor ou não!” (Lisboa, 24 anos).

Nestes depoimentos, observamos que a entrevistadas destacam a ideia de o namoro pressupor algum tipo de sentimento afectivo, porém, têm a noção de que na actualidade, alguns dos elementos do namoro transcendem a questão sentimental, enfatizam a ideia das pessoas estarem a se relacionar apenas pela satisfação material, deixam patente outro aspecto que nos remete à superficialidade das relações de namoro, uma vez que de acordo com elas, as pessoas se relacionam sem nenhum objectivo expresso, as pessoas relacionam-se como se fosse um *hobby*, ou seja, forma de passar o tempo.

“ Namoro? Namorar, para mim, é a pessoa te conquistar e tu gostares da pessoa, ter um namorado sério, que tenha planos contigo e que goste de ti, [...]planos de viverem juntos e constituir família, planos de se comprometer comigo e com a minha família, toda mulher que sabe o que quer sonha com isso!” (Rio, 21 anos).

“ [...] entendo que namoro é a união de duas pessoas, a junção de dois sentimentos, tipo de ambas partes que se comprometem e se ajudam a crescer, que partilham sonhos e que desejam formar um lar, é basicamente a socialização dessas coisas” (Denver, 21 anos).

Por último, estes excertos fazem menção ao elemento comprometimento que o namoro possui, mostram a preocupação que se tem com a questão evolutiva do namoro, uma preparação para um relacionamento mais sólido, mostra a intenção de perspectivar o namoro para uma união mais concisa e que transmita segurança.

4.3. A manipulação da etiqueta social no processo de gestão da relação mantida com o homem casado

Tendo como suporte os dados por nós recolhidos, pudemos perceber que, dentro das relações amorosas, há elementos e processos que podem constituir os universos identitários dos indivíduos. Preocupámo-nos em conhecer o universo identitário da mulher que se relaciona com homem casado, procurando perceber de que forma ela manipula a sua identidade como “Outra”, considerando a gestão que faz da relação por conta do estigma que eminentemente corre o risco de sofrer ou sofre. Daí que procurámos explorar os elementos inerentes à construção das experiências dos relacionamentos mantidos com os homens casados, suas trajectórias sociais até se assumirem como “Outra”.

A afirmação da identidade “Outra” pressupõe dois processos antagónicos: por um lado temos mulheres na condição de “Outra” tentando firmar suas relações amorosas como normais e, por outro, temos as estruturas sociais e valores dominantes que, socorrendo-se das responsabilidades femininas e dos ideais de uma relação amorosa socialmente construídos, considerando a mulher na condição de “Outra” uma desviante, condenam estas relações tomando-as como práticas que atentam segundo a discussão apresentada por Goldenberg (2011) aos princípios da moral e dos bons costumes.

É precisamente a partir desse pressuposto que podemos falar do estigma, pois existe consciência por parte das mulheres na condição de “Outra” da proibição da relação amorosa na qual estão inseridas. Isto é, a mulher, na condição de “Outra”, tem consciência do estigma de que é portadora. Dado aos atributos depreciativos ligados à sua relação amorosa, e a consciência colectiva na sociedade, procura condenar e evitar qualquer situação do género. A identidade da “Outra” pressupõe que haja um conjunto de estereótipos e de atributos à ela emitidos, em função das práticas e de valores dominantes.

O primeiro contacto e a posterior convivência com homem casado não acontece maioritariamente de forma objectiva, pelo facto de a realidade ou a consciência que a mulher tem do facto de ser a “Outra” pressuponha múltiplos pólos que são paradoxais à luz dos ideais apreendidos no processo de socialização, o que faz com que tanto a constituição, assim como a gestão da relação mantida com homem casado sejam realizadas de forma mais subtil possível, a

constituição dessa relação pode derivar de uma decisão consciente, individual, sendo motivada por problemas e carências pessoais, como mostram os seguintes depoimentos:

“Comecei a me relacionar com homens casados há quatro (4) anos atrás, [...], haaaa foi uma escolha própria, depressão também, eu era muito depressiva, não queria mais me envolver com homens solteiros, sofri muito, então pensei que se ficasse com alguém que não me fizesse âncoras eu poderia ser feliz, porque eu também passei a não me importar com os sentimentos, desde que eu tivesse alguém para me satisfazer e me respeitar acima de tudo, foi por isso que comecei a andar com homens desse tipo, [...] nós sempre nos encontramos na pensão da tia dele, e quase tudo sigiloso, acabei confiando na tia dele, porque já nos viu muitas vezes, é mais fácil agir normalmente e sempre procuramos estar em lugares neutros, porque é mais seguro para nós!”(Berlim, 32 anos).

“Comecei a ficar com homens casados aos meus 17 anos, porque eu era pobre, eu não tinha nada, então eu imaginava sempre um homem rico, que tivesse um bom emprego e que me entendesse acima de tudo, eu precisava de uma estabilidade e não conseguiria assim do nada, pior com o corpo grande que tenho, era uma relação clandestina, sim, mas, quando estivéssemos fora dos olhos dos que nos conhecem, agíamos como namorados normais!” (Estocolmo, 19 anos).

“Com 17 anos, eu tinha um parceiro, mas, naquela coisa da juventude e querer dinheiro fácil, fiquei com a pessoa sem o conhecer, mas eu sabia que ele era casado, porque tinha aliança e quando questioneei depois de alguns dias, ele me confirmou o que eu já imaginava e sabia. [...] Quando saíamos, sempre tínhamos de nos encontrar nas pensões e nos hotéis, era uma boa vida, mas sempre que fosse me deixar, tinha de parar o carro alguns quarteirões da minha casa. Era uma relação muito fechada, eu não tinha nenhum tipo de liberdade com ele diante das pessoas, só quando estivéssemos a sós e isso só acontecia entre quatro paredes!” (Lisboa, 24 anos).

Como podemos observar nos depoimentos apresentados, as entrevistadas assumem terem iniciado as suas relações amorosas com homens casados por questões pessoais, tal como enfatiza Goldenberg (2011) no seu estudo, as mulheres ao se submeterem a condição de “Outra” procuram contornar as suas faltas e suas carências sentimentais e materiais, servindo-se a relação mantida, desse modo, não só como um espaço de refúgio aos problemas individuais, mas também se vislumbra como uma prática de satisfação pessoal em termos materiais e emocionais.

4.3.1. A inconsciência da condição de “Outra”

Existem, também, aquelas que entram numa relação com homem casado inconscientes dessa condição, que, de acordo com algumas entrevistadas, depois de um tempo tendo tomado conhecimento, não houve espaço para romper com a relação, alegando existir atracção, paixão, intimidade e, nalgum momento, até amor, restando apenas gerir a relação de uma forma que não fique exposta aos demais e que principalmente não interfira na vida conjugal deste homem, para que não haja choques ou conflitos com o meio social em que se encontra, como mostram os extractos abaixo:

“Quando comecei a ficar com ele, eu não sabia que ele era casado, fui descobrindo ao andar do tempo, mas quando descobri, não vi a necessidade de deixar porque já gostava dele, eu percebi que era a mesma coisa e não há diferença. [...], como eu não sabia que ele era casado, ao andar do tempo fui percebendo que o comportamento que ele tinha não era de quem estava só comigo, tinha mais alguém, mas já era costume receber aquele tratamento, eu deixei estar. [...] no início, encontrávamo-nos normalmente como namorados, saíamos, ele ia me buscar na escola, mas tínhamos hora específica para nos falar, mas depois de um tempo tínhamos que ir numa casa onde também tinha a loja dele, mas tudo tinha de ser escondido, passei a não ter liberdade com ele [...], mudou muita coisa!” (Tóquio, 19 anos).

“ [...] não foi assim tipo aconteceu alguma coisa comigo para me organizar, para namorar com homem casado, eu conheci a pessoa, gostei da pessoa, namorei e me apaixonei pela pessoa sem saber que ele era casado, [...] quando descobri, interrompemos, mas, como já havia amor, assim posso dizer, voltámos. Ninguém me influenciou a ficar com ele, também porque eu não sabia que ele era casado, nos conhecemos e fomos nos envolvendo e assim ficámos, nos tínhamos, sim, hora para nos encontrar, mas conversávamos ao telefone normalmente, desde que ele não estivesse em casa, às vezes, vinha me buscar na escola e íamos num ponto, isso antes de eu saber que ele era casado, depois que soube, eu no início não aceitava mais ir àqueles pontos, era arriscado demais, nos encontrávamos em casa do tio dele!” (Denver, 21 anos).

Estes excertos elucidam a ideia supracitada, visto que as entrevistadas afirmam ter mantido a relação com homem casado, sem a consciência da sua condição de casado e, quando tiveram conhecimento, optaram por continuar com a relação pelos sentimentos que já haviam sido

construídos entre o tempo que constituíram a relação e a descoberta de se tratar de uma relação paralela que as condicionava a uma situação de "Outra". Ademais, tiveram de conceber estratégias para gerirem a relação, de forma a garantir que a sua integridade não fosse manchada pela sociedade, porque, ainda que os demais não soubessem, havia, sempre, um cuidado a tomar, influenciado pela consciência que elas tinham: a pressão que sofreriam por se estarem a relacionar naqueles moldes.

Com estes depoimentos, fica evidenciado que tanto as que se envolvem com homem casado de forma consciente, quanto as que se envolvem inconscientes dessa condição, gerem as relações de forma sigilosa. Relatos como falta de liberdade e pouca intimidade em público, a pertinência em ocultar a relação para outras pessoas, são elementos que mostram a enraização dos ideais sobre a manutenção das relações monogâmicas e, com isso, a eminente marginalização das mulheres que se assumem nessa condição por parte da sociedade que, segundo Goffman (1980) em concordância com Goldemberg (2011), elas são tomadas como desviantes, onde afirma que a "Outra" é estereotipizada pela sociedade, na medida em que é tomada como a destruidora de lares, prostituta e, na maior parte das situações, referenciada como vilã do rompimento dos casamentos sólidos e formais. Por isso, a "Outra" vive na clandestinidade, pois não pode aparecer publicamente e nem participar na vida social do seu parceiro, por ele ser casado.

Entretanto, incorrendo aos argumentos apresentados pelos autores supracitados, constatamos uma controvérsia segundo os depoimentos das entrevistadas, e se alucida uma libertinagem conferida no âmbito das relações não-monogâmicas, na medida em que ferem com as premissas que gerem os relacionamentos monogâmicos, ora vejamos: sendo que as mulheres na condição de Outra têm a plena consciência da inibição de relacionamentos com homens casados, depreendem esforços para adoção de estratégias para contornar os rótulos que eminentemente podem sofrer, sendo este, um comportamento inverso ao que se espera, tomando em conta o processo de socialização pela qual passaram, que seria de se desprenderem desses relacionamentos e manterem relações amorosas com homens que sejam desepedidos e que por essa via tivessem liberdade que referem não ter e a aceitação social, para se desenvolverem e alcançarem a desejada satisfação pessoal.

A fluidez dessas relações e a ousadia dos envolvidos, levam-nos a questionar se não estaríamos diante uma prostituição sofisticada, movida pelo consumismo e pelo imediatismo que são

elementos estritamente defendidos e discutidos na perspectiva das relações não-monogâmicas? Porém, não se enquadrando na nossa abordagem, deixamos essa indagação para pesquisas posteriores e futuras.

4.4.1. A nova identidade: a omissão como estratégia de gestão da identidade da namorada do homem casado

De acordo com os dados discutidos no ponto anterior, podemos observar que a manutenção da relação mantida com o homem casado pode ser, em si, uma estratégia que a “Outra” adota para gerir a sua própria identidade. Porém há um aspecto essencial desta discussão que incide na construção desta mesma identidade e que pode ser anterior à constituição da relação amorosa com o homem casado e tem a ver com o facto da “Outra”, além de tomar postura diferente da apreendida durante o seu processo de socialização, age também de acordo com as expectativas da colectividade. Para essa situação, Goffman (1980) distingue dois conceitos fundamentais: a identidade social que é constituída com base nas categorias sociais da colectividade a que o indivíduo pertence e, por outro lado, a identidade pessoal que se relaciona com as características pessoais dos indivíduos que são mais ou menos constantes.

Sob condições nas quais a mulher é socializada, transgredir uma norma leva a que a mesma incorra ao risco de ser considerada desviante. O que constatámos na nossa pesquisa, através dos depoimentos da “Outra”, é que há, na família e nas redes de contacto da “Outra”, alguma expectativa em relação ao facto delas serem mulheres que não se envolvam com homens nessa condição, porque, por concepção, isso pode afectar até o espiritual desta mulher e pode ser até repudiada pelo homem que pretenda se engajar a posterior numa relação séria com ela, de forma geral, ela não teria nenhum valor como mulher aos olhos dos outros e isso lhe conferiria muitos conflitos sociais, sem contar com a marginalização que sofreria.

Por essa razão, ela se vê na contingência de adoptar um conjunto de estratégias que a permitam manter certa identidade social virtual diante da família e de alguns pares que sejam importantes para ela. No leque de estratégias, a omissão da relação é a principal delas, como podemos observar nos excertos abaixo:

“Ele era conhecido pela família, a família dele era amiga da minha família, mas ninguém sabia que nós tínhamos um caso, [...] de certeza que se eles soubessem eu receberia críticas, primeiro, procurariam saber porque eu estava com uma pessoa casada, independentemente de quem fosse,

digo isso porque minha tia mais nova já esteve nessa situação, quando descobriram, eles não aceitaram e notou-se uma desaprovação, sentiram-se ofendidos, eles se preocupavam com o que as pessoas diriam sobre a família, então, eu não comentei nem com a minha melhor amiga, até porque os meus pais ainda não aceitam que eu namore, seria muita decepção para eles, por isso nunca disse nada e terminámos sem eles saberem” (Tóquio, 21 anos).

“Minha mãe sempre teve conhecimento das pessoas com quem me relaciono, mas, neste caso, eu não falei nada, e se olhar por parte das pessoas, acho que seria um choque e não seria uma boa coisa, principalmente para ela, sendo que ela sempre me viu como uma pessoa reservada e certinha e conhece as consequências de meninas que entram nessa vida, ela é preconceituosa mesmo e se soubesse que a filha dela estava nessa situação, certamente que seria um escândalo, [...] mas nem por isso eu me considero uma pessoa não reservada, mas sei que ela não entenderia, porque não está preparada para encarar essa situação, aprendeu e me ensinou que uma mulher deve ficar com um homem que seja desimpedido, porque assim teria foco para respeitar a mim e a minha família, e, perder a honra que ela tanto protege seria demais, mesmo que eu não me sentisse efectivamente amante dele, porque só tivemos alguns encontros, nem namorados fomos!”(Nairobi, 24 anos).

“[...]nem minha família sabe, e se por acaso eles soubessem, ficariam muito decepcionados comigo, principalmente os meus pais, sabe, quando um filho nasce numa casa, sei lá, os nossos pais têm aquela mania de olhar as coisas por nós, querem que nós sejamos o que eles querem e certamente que eles ficariam decepcionados por eu ser aquela mulher que eles não sonharam que eu fosse, então, eu finjo que se trata de alguém normal e evito ao máximo deixar à vista tudo o que me liga a ele, há alguns dias até me perguntaram porque não lhes apresento, eu sempre invento uma desculpa, só para eles ficarem tranquilos e não desconfiarem do meu namorado, até porque não pretendo ficar muito tempo com ele, por isso eu nem me importo em lhes dizer qualquer que seja a coisa relacionada a isso, eu sou apenas namorada dele, não só pelo que penso sobre ele ser casado, mas porque minha família nunca lhe aceitaria!” (Moscow, 24 anos).

Segundo as ideias defendidas por Goffman (1980), sobre a identidade real e identidade virtual, observámos que, no dia-a-dia, a “Outra” mantém interacção com outros indivíduos e, nessas interacções sociais, a manipulação da identidade acontece à medida que esta mulher continua

agindo ao nível do aparente, de acordo com as expectativas que são criadas ao facto de serem mulheres que não se submetem à condição de “Outra”.

A “Outra”, segundo estes excertos, mantém uma identidade secreta que pode ser considerada a identidade real, contudo, por causa do estigma e do receio, as reacções dos outros (principalmente da família), a mulher, na condição de “Outra”, age ao nível do aparente, ou seja, aparentam ser mulheres que se relacionam com homens solteiros e fazem de tudo para que a relação que mantêm aparente ser normal, a grosso modo, omitem que têm relações, reservam-se ao oculto, e procuram transmitir o ideal de conservadoras e respeitadoras das condições pré-estabelecidas socialmente.

A família, sendo a primeira instituição socializadora³ dos indivíduos, é basilar, ou seja, é geralmente no seio familiar que o indivíduo apreende os seus primeiros conhecimentos sobre as coisas e sobre o mundo. Nesse sentido, quando a mulher se relaciona afectivamente com um homem que não lhe vá proporcionar a realidade a que ela foi socializada, as expectativas sobre a mulher provedora criadas no quadro socializador anteriormente descrito são defraudadas e a descoberta da relação mantida fora dos padrões estabelecidos socialmente dentro da família pode desencadear etiquetamentos.

Durante as análises, constatámos que quando a mulher assume a sua condição de “Outra”, ou pensa na hipótese de assumir, pressupõe como a primeira reacção da família a inaceitação. Assim, renfere-se que o preconceito em relação à condição de “Outra” pode começar dentro das relações familiares, contudo, tais etiquetamentos não devem ser analisados distantes dos valores predominantes na sociedade, pois reflectem a forma como as relações amorosas dos indivíduos são construídas.

Na maior parte dos casos, frequentemente, é no meio de uma crise interna (caracterizada pelo facto de estarem a ser pressionadas para apresentarem os seus parceiros, pressão esta justificada pela mudança de comportamento e postura, aquisição de bens materiais em que a família

3A família como uma instituição social: no contexto da socialização que são feitos os primeiros processos de construção das diferenças sociais de raparigas e rapazes, onde a rapariga é ensinada a brincar de bonecas, panelinhas, entre outras, é capacitada também a ter a figura de rapaz como provedor dela e da família, uma simulação autêntica do que pode vir a ser a sua vida amorosa ou até conjugal na qual deve se dedicar a maternidade, a domesticidade, ao respeito pelo homem ou marido, na preocupação de enraizar a ideia de que a mulher só deve se dedicar a apenas um homem na sua vida, como sinal de respeito e honra dela e da família de que ela provém. (OSÓRIO, 2004).

desconfia da sua proveniência) que conseguem revelar que estão numa relação com um homem casado, não que seja algo que elas decidam espontaneamente contar, pois há muito receio por parte delas, por isso mesmo que contam a alguém muito confiado dentro da família, porque encarar directamente os pais ainda é muito difícil e constrangedor. E, por essa via, nutrem expectativas à volta das mesmas, na ideia de que numa determinada fase da vida, tomem a decisão de escolher uma relação afectiva passível de ser aceite socialmente.

Pelo que consta, as mulheres na condição de “Outra” sentem alguma desaprovação em relação à sua escolha afectiva por parte dos indivíduos com quem interagem nos diversos espaços que frequentam, e, por conta disso, elas adoptam um conjunto de estratégias de manipulação e gestão da identidade “Outra”, entre elas, a omissão, o silêncio, o fingimento ou demonstração de uma identidade virtual. Segundo Goffman (1980), a “Outra” é portadora do estigma social, aquele que resulta do facto do indivíduo ser portador de um atributo ou característica social que o deprecia diante dos demais elementos da colectividade. Nesta senda, em concordância com Goffman (1980), essa discrepância pode fortalecer a identidade social virtual e tem como objectivo aproximar a mulher na condição de “Outra” da sociedade e de si próprio, o que faz com que ela se torne numa pessoa desacreditável, frente a uma realidade social inacessível.

4.4.1. O meio social como espaço de gestão do estigma

As mulheres na condição de “Outra” relacionam-se socialmente com outros indivíduos fora a família e procuram, nessas relações, firmar uma certa normalidade, transmitindo a ideia de uma mulher normal como qualquer outra. No espaço das relações extra-familiares, a “Outra” adquire algumas experiências, umas esperadas e outras não, de relacionamento com os outros, referimo-nos aos espaços de rua, vizinhança e outros espaços sociais frequentados pela “Outra”.

No caso das mulheres na condição de “Outra”, a atribuição de denominações pejorativas como vagabunda, *marandza* e *lanchinho do Sugar Dad*, são exemplos do estigma que as levam a omitir suas relações amorosas.

A necessidade de manipulação passa, muitas vezes, pela ideia das mulheres na condição de “Outra” serem segundo Goffman (1980) desacreditáveis, dessa forma, terem que se passar por conservadoras, obedientes e de conduta inquestionável, para que consigam ser aceites nos círculos de amizade, ainda que, segundo as entrevistadas, não seja tão importante serem aceites,

elas só querem ser respeitadas e que não sofram nenhum tipo de rejeição ou exclusão social como resultado da marginalização que elas podem sofrer ou sofrem por estarem nessa condição, mesmo que essa condição não seja imediatamente detectável, ou detectada, como mostram os excertos seguintes:

“[...] a sociedade deve mudar, eu sinto a pressão das pessoas quando se trata desse assunto, tem pessoas que quando sabem que fulana está numa relação com o homem casado, procuram te insultar e te maldizer e nunca param para pensar nos danos que isso pode causar em ti, por isso em nenhum momento eu abriria o jogo para pessoas desse tipo, tanto que para justificar as coisas que eu tenho através dele, eu procurei fazer um negócio, para pessoas não questionarem tanto, porque sei que se questionam, eu procuro fazer perceber que as coisas que eu tenho são legítimas, e se formos a fundo são, mas as pessoas falam demais!” (Denver, 21 anos).

“[...] tinha relações com ele, praticamente era namorada dele, eu compreendo que era necessário esconder a relação, principalmente para as pessoas que não são da família, mas conhecidas porque elas, de certeza, me julgariam, ainda que isso não constituísse muita importância para mim, por isso até agora é difícil saberem quando é que estou a namorar e quando é que estou sozinha, prefiro fingir que não se passa nada!” (Tóquio, 19 anos).

“Eu escondia, sim, porque eu tinha namorado, ele era o meu escudo, pior porque era conhecido na zona!, por isso, sempre que voltássemos dos nossos encontros proibidos, era necessário que me deixasse a alguns quarteirões da minha casa. Para nós, não era um grande problema, porque sabíamos o que estávamos a fazer, mas é meio desgastante porque eu estava, de certa forma, a trair o meu verdadeiro amor, mas ele não conseguia me dar tudo que eu precisava, mas para coisas que beneficiaram no final das contas aos dois, embora os outros nunca entendem isso[...], as pessoas até que podiam desconfiar ou até saberem e alguns chegaram a me chamar nomes por causa disso, mas eu nunca lhes confirmei nada e nem dei ouvidos, eu sabia o que estava a fazer” (Lisboa, 24 anos).

Este tipo de comportamento é motivado pelo medo da possível reacção dos outros, porque nunca se tem certeza do real tratamento que passaria a receber, ainda que já tivessem de suportar alguns tratamentos pejorativos apenas por conta da desconfiança, sem necessariamente haver uma confirmação, por isso a contingência de uma iminente revolta ou afastamento social era fundamental.

Estes dados dão conta que as mulheres na condição de “Outra” são tratadas como desviantes em decorrência de estarem a agir fora de um quadro socializador, no qual foram criadas. Sobre este aspecto, Goffman (1980) fala da insegurança que o portador do estigma tem mediante a sua apresentação diante dos outros, na medida em que a “Outra”, a estigmatizada, pode descobrir que se sente insegura em relação à maneira como os outros a identificam e a recebem, procurando, assim, um conjunto de actos e comportamentos que evitarão que sejam rotuladas ou que sofram qualquer tipo de discriminação.

Nota-se que as mulheres na condição de “Outra” tentam firmar ou defender uma certa normalidade, ou seja, procuram ser igualadas a outras mulheres e que a sua relação amorosa não seja nunca usada para mantê-las em desvantagem comparativamente às demais mulheres da sociedade. Tal como afirmam, gostariam de ser respeitadas, não importa se não aceites ou não, desde que sejam respeitadas. E isso se enquadra no contexto das expectativas de vida dos estigmatizados referenciados por Goffman (1980), afirmando que o indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre a identidade que os demais têm, contudo, os seus sentimentos mais profundos sobre o que ele é pode confundir a sua sensação de ser uma pessoa normal, uma mulher como outra qualquer, portanto, que merece um destino agradável e uma oportunidade legítima.

4.4.2. O grupo de pares

Os espaços de sociabilidade são aqueles nos quais os indivíduos estabelecem um conjunto de interações sociais, trocam informações e partilham expectativas. Os grupos de amigas e primas são aqui percebidos como espaços de sociabilidade, na medida em que neles, a “Outra” interage com outras mulheres nessa condição, partilham vivências do seu quotidiano, suas expectativas e experiências ligadas à sua identidade de namoradas dos homens casados, como podemos observar nos depoimentos subsequentes:

“[...] minhas amigas é que me incentivaram porque elas tinham conhecimento da minha situação e eu só vivia com os meus avôs, eu precisava ficar bonita como as minhas amigas ficavam, elas também estavam nessa vida, eu só queria alguém para me sustentar, mas eu tinha medo, as minhas amigas é que me encorajaram, nunca lhes escondi nada”(Estocolmo, 18 anos).

“Bom, as minhas primas, praticamente todas, tínhamo essas brincadeiras e sempre defendíam a ideia de que homem casado é que solta mais, então, me preparam para isso, eu não ficava com homens casados por um objectivo de vida, era mesmo por troca de favores, eu só queria dinheiro, mas eu acho que se as minhas primas não tivessem me influenciado, eu não teria ficado com ele, também porque era desgastante e cansativo!” (Lisboa, 24 anos).

Mediante estas situações explanadas dos depoimentos supracitados, podemos entender a entrada das mulheres no mundo das relações amorosas com homens casados, como estratégia que estas adoptam de forma a serem aceites como membros do grupo de outras mulheres que também praticam esta modalidade de relações, e que também possam ser identificadas como namoradas de homens casados. O processo dos indivíduos se identificarem e serem identificados dá-se com a inserção dos mesmos em grupos sociais específicos, em que se tem a condição de “Outra” como um dos elementos identitários.

Entretanto, a facto da “Outra” se agregar a um “grupo de iguais” significa em si uma estratégia de gestão da identidade. Segundo Goffman (1980), muitas vezes, os indivíduos portadores de estigma tendem a se congregarem em grupos de iguais, onde procuram reivindicar determinadas posições ou privilégios na sociedade em função do estigma que transportam entre os “seus iguais”, o indivíduo estigmatizado pode utilizar a sua desvantagem como base para organizar a sua vida, mas, para o conseguir, deve-se resignar a viver num mundo incompleto. Para o caso, a “Outra” está consciente do estigma existente e, a partir da forma como ela gerencia a relação mantida com o homem casado, procura transmitir uma ideia de normalidade e de respeito às diferenças existentes entre as mulheres.

Essa inserção em grupos de incentivo para a condição de “Outra” pode ser entendida também em Goffman (1980), quando trata da manipulação do estigma perante os seus pares, na medida em que, ao aderir a estas práticas e descobrir que há pessoas dispostas a adoptarem o seu ponto de vista no mundo e a compartilhar o sentimento de que ela é mulher como qualquer outra e essencialmente normal, mesmo que se tenha desviado dos padrões sociais. Daí que o autor afirma que, inserida nestes grupos, a mulher na condição de “Outra” interage com outras mulheres na mesma condição que lhe são benevolentes, compartilham o mesmo estigma e a podem instruir quanto aos artifícios de relação e a fornecer um círculo de lamentações no qual possa se refugiar, na busca de apoio moral e de conforto de se sentir no seu ambiente, aceita

como uma mulher que realmente é igual a qualquer outra tida como normal. É nesses grupos que a mulher na condição de “Outra” não precisa manipular a sua identidade real, pois está perante os seus iguais. Fazendo isso, assume-se como um indivíduo desacreditado, uma vez que as características e os atributos sociais são imediatamente perceptíveis.

Desde a literatura consultada até à análise dos depoimentos que colhemos, pudemos observar e perceber que as relações amorosas são uma construção social, elas não são enraizadas naturalmente aos indivíduos, as relações amorosas são aprendidas e apreendidas pelos indivíduos através da socialização e da interiorização de papéis sociais atribuídos ao longo das interações estabelecidas, o que faz com que as identidades sociais sejam processuais e não dadas, elas também são construídas ao mesmo tempo que os indivíduos gerem os seus comportamentos e as suas escolhas em função dos padrões normativos que orientam as sociedades.

Os dados levantados durante a pesquisa vislumbram que ainda existe uma persistência do preconceito contra as mulheres em função da escolha das relações amorosas que decidem manter, neste caso concreto, mulheres que mantêm relações amorosas que lhes conferem a condição de “Outra”, uma vez que este preconceito é produto dos quadros normativos dominantes nas estruturas sociais que preconizam as relações amorosas monogâmicas como relações-padrão, porém, sendo um estigma passível de ser dissolvido, constatamos uma resistência por parte dos envolvidos nessa relação proibida, pela insistência em sofrer esses estigmas em nome da satisfação pessoal, mesmo tendo a possibilidade de agir de acordo com os padrões sociais estabelecidos e poder desfrutar da liberdade que tanto reivindicam estando imersos nessa condição que lhes confere por parte da sociedade apenas etiquetas. Assim, cremos ter atingido o nosso objectivo principal, o de compreender as estratégias de construção e gestão da identidade da “Outra”, essencialmente referidas no presente estudo como as namoradas dos homens casados.

Considerações finais

Na presente monografia, abordámos aspectos sobre as relações amorosas, mais concretamente sobre a construção e gestão da identidade “Outra” (namoradas de homens casados), na cidade de Maputo. O nosso objectivo foi de tentar compreender como as mulheres na condição de “Outra” constroem e gerem a sua identidade. Para atingirmos o nosso objectivo, usamos instrumentos metodológicos que nos permitissem colher os dados e obtermos resultados válidos cientificamente, como a revisão da literatura, as técnicas de recolha de dados que foram neste trabalho apresentadas, discutidas e aplicadas.

Com a problemática levantada, pudemos construir o argumento que dá conta de que as mulheres nessa condição assumem a identidade “Outra”, como namoradas de homens casados, primeiro, porque, na nossa sociedade, só são aceites relações amorosas que pressuponham uma conjugalidade monogâmica e todo aquele que desrespeitar as regras geralmente sofre coerção social, igualmente, porque, pelo motivo anterior, tanto a mulher na condição de “Outra” quanto o homem casado, não perspectivam nenhuma solidificação da relação, para uma posterior formação de família e lar paralelamente à família oficial, preocupando-se apenas com a satisfação financeira e material em troca de prazeres sexuais. E, por essa razão, adoptam um conjunto de estratégias de gestão de imagem, que inclui principalmente a omissão da relação amorosa mantida, em detrimento dos espaços de sociabilidade os quais ambos frequentam ou estão inseridos (família, circuito de pares, etc).

Os resultados mostraram-nos que as mulheres na condição de “Outra” é que decidem a quem devem contar ou revelar a relação amorosa que mantêm e que também a omissão da relação mantida com o homem casado é a principal estratégia de gestão da sua identidade. Pelo facto dos valores da monogamia serem dominantes, algumas mulheres na condição de “Outra” afirmam que omitem as suas relações e, por vezes, mostram-se neutras e distantes de qualquer tipo de envolvimento afectivo e criam algum tipo de negócio sustentável para justificar os ganhos financeiros que adquirem com essas relações, e outras mantêm relacionamentos de fachada, que geralmente com o homem que todos conhecem e todos sabem que estão juntos, precisamente para satisfazer as expectativas que são socialmente construídas em torno das relações amorosas.

A ideia de fachada está relacionada com o facto de as mulheres nessa condição procurarem, na maioria dos casos, agir de acordo com as normas das relações amorosas que são vigentes. Desta feita, satisfazer as expectativas da sociedade em relação a escolhas afectivas significa, nesses casos, ter uma dupla identidade: comprometidas com alguém ou sozinhas aos olhos da sociedade e namoradas (por que não esposas?) dos homens casados. Algumas que assumem as duas relações, afirmam que se submeteram à condição de “Outra” para manterem a subsistência das suas relações oficiais, que as mantêm também por amor e pelo compromisso relacionado com as cobranças que lhes são feitas nos seus círculos de relações sociais.

A nível teórico, foi possível articular a ideia de estigma e a ideia de construção e manipulação da identidade deteriorada. Foi possível observar, à luz dos pressupostos teóricos de Goffman (1980), que as mulheres na condição de “Outra” são portadoras de uma identidade estigmatizada na medida em que se comportam afectivamente fora dos quadros socializadores a que foram submetidas, fazendo com que as mesmas sejam alvos de discriminação por parte dos indivíduos que agem de acordo com os valores predominantes na sociedade.

É pertinente destacar que de forma implícita ou explícita a própria sociedade é que disponibiliza os principais recursos ou bases para a construção da identidade da “Outra” e, posteriormente, a necessidade de a gerir. São as expectativas que a sociedade cria em torno das relações amorosas que fazem com que as mulheres na condição de “Outra” adoptem estratégias de gestão da sua identidade perante outros, fazendo estas optarem pela omissão, silêncio, fingimento e demonstração de uma constante identidade virtual.

Contudo, pudemos concluir de forma geral que o preconceito em torno das relações amorosas envolvendo homens casados ainda é muito presente, pelo facto de envolver muitas tensões, conflitos e dividir opiniões, e a necessidade de contornar o preconceito é determinante para as mulheres na condição de “Outra”, fazendo com que não tornem público as suas relações amorosas. Pudemos compreender, também, que a gestão da relação mantida entre ambos é em si o principal recurso para a gestão da identidade da “Outra”, e a família, nesse contexto, é o recurso primordial que firma as bases para que esta identidade seja construída. O meio social é o espaço no qual a gestão dessa identidade acontece e os grupos de pares são espaços em que a “Outra” não precisa manipular a sua condição, por estar perante aos seus semelhantes, podendo

agir de forma a firmar o seu poder e assumir a sua identidade real, sem expções, porque o estigma é partilhado e normalizado nesses espaços.

Foi possível também confirmar que as namoradas dos homens casados, na condição em que se encontram, não perspectivam solidificar os laços afectivos para posterior formação de uma família paralela, mas, sim, se envolvem para ganhar bens materiais e recursos financeiros em troca de prazeres sexuais, tanto que elas, nesse âmbito, não se identificam como amantes, mas, sim, namoradas dos homens casados. Na perspectiva de duas entrevistadas, a nossa hipótese foi infirmada, na medida em que assumem que as mulheres que se submetem à condição de “Outra” nem sempre são motivadas pelo dinheiro ou matéria, pode-se dar o caso de terem sofrido decepções amorosas e frustrações no passado e, para contornar essas instabilidades, recorre(ra)m à constituição e manutenção de uma relação com um homem casado. Segundo as nossas participantes, mantendo uma relação com alguém que não seja muito exigente e que seja atencioso permite que sejam firmados sentimentos profundos que, com a dinâmica da relação, podem consequentemente viabilizar uma posterior formação de uma família paralela, fazendo desta, amante propriamente dita ou a segunda esposa, deixando então a categoria de namorada do homem casado.

Finalmente, engajados na efectivação desta pesquisa, assumimos que não foi esgotado todo universo de possibilidades de análise deste tema, porém, foram vislumbradas e disponibilizadas importantes premissas para a compreensão dos aspectos sociais ligados à identidade da “Outra”, para que os próximos estudos, explorando as construções sociais em torno desta realidade, nos permitam compreender as subjectividades e interpretações construídas e assentes no meio social sobre a “Outra” em Moçambique.

Referências bibliográficas

AISSA, Liesse, A “*Outra*”: *percepção social sobre a condição de amante*. Monografia apresentada para grau de licenciatura, Departamento de Sociologia, Maputo: UEM, 2013.

AMENO, Agenita. *A função das amantes no casamento monogâmico*, sm/ed., Rio de Janeiro, 1999.

CRUZ R. M. e MACIEL S.K., *O estudo dos relacionamentos amorosos em diferentes campos disciplinares: avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos*. Casa do Psicólogo Editores, sm/ed., São Paulo, 2012.

DUBAR, Claude. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. Afrontamento Edições, sm/ed., Porto, 2006.

FARIA, Ederson de & SOUZA, Vera Lúcia Trevisan, *Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores*. Sm/ed., sm/local, 2011.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*, Artmed Editores, 4ª ed., Porto Alegre, 2005.

GIL Antônio, *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas editores, 5ª ed., São Paulo, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada*. Zahar Editores, sm/ed., Rio de Janeiro. 1980.

GOLDENBERG, Mirian. *A Outra: estudos antropológicos sobre a identidade da amante do homem casado*. BestBolso Edições, sm/ed., Rio de Janeiro, 2011.

..... *Sobre a inveção do casal*. Sm/ed., Brasil, 2000.

KESSLER Cláudio Samuel. *Novas formas de relacionamento: fim do amor romântico ou um novo consumo? Sociedade e cultura*, Sulics diciembre editores, sm/ed., vol.16, Brasil, 2013.

LAKATOS M., MARCONI A. *Metodologia do trabalho científico*. Atlas Editores, 6ª ed., São Paulo, 2001.

LESSA Sérgio. *Abaixo a família monogâmica*, Sm/ ed., sm/vol., sm/local., 2010. Disponível em: <<<http://pt.scrib.com/doc/58174623/abaixo-a-familia-monogamica>>> acesso a 12. Jan.2020.

NEVES, Ana Antunes das. *As mulheres e os discursos generizados sobre o amor: “a caminho do amor confluyente ou o retorno ao mito do amor romântico?”*, Revista dos estudos feministas, vol.15, nº 3, Florianópolis, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-artteat,pid=s0104-026x20070003000062ing=pt&nin=>so> acesso a 08. Jan. 2020.

OSÓRIO, Maria da Conceição. *Mulher e poder*. Relatório de investigação, Maputo: UEM/UFLCS, 2004.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. Atlas editores, sm/ed., São Paulo, 2008.

SILVA, L. e MENEZES, E., *Metodologia da pesquisa e elaboração da dissertação*. 3ª ed., Florianópolis, UFC, 2001.

Shorter, Edward. *A formação da família moderna*. Terramar editores, sm/ed., Lisboa. 1975.

TESSARI, Ines. *O preconceito e alegria de ser amante*.sm/ed., São Paulo, 2008. Disponível em: www.ajudaemocional.com.

ANEXOS

Guião de entrevista

O presente guião surge no âmbito da elaboração do Trabalho de Fim do Curso, subordinado ao tema: **Marandza – um estudo sobre a construção e gestão da identidade das namoradas de homens casados, na cidade de Maputo.**

I. Perfil sócio-demográfico

1. Idade
2. Nível de escolaridade
3. Onde e com quem vive
4. Área de formação profissional
5. Cargo ocupado
6. Tempo de trabalho e/ou ano de faculdade.

II. Percepções e Motivações para o começo do namoro sob o ponto de vista da “Outra”

7. O que entende por namoro?
 - O que caracteriza o namoro?
8. Em que momento da sua vida começou a namorar com um homem casado?
9. Qual é o perfil social do homem com o qual se envolveu?
10. Quanto tempo durou a relação?
11. Começou a se envolver/ gostar de homens casados por influência de alguém?
 - Se sim, quem?
 - Por quê?
12. De forma ele manteve o primeiro contacto consigo?
13. Como têm sido os vossos encontros?
 - Onde se têm encontrado? (têm uma hora específica para tal?) Explique.

III. Gestão da Relação Mantida com o Homem Casado

14. De que maneira tem encarado o seu dia-a-dia?
15. Tem sido necessário esconder esta relação? Por quê?
16. A sua forma de ser, estar, pensar e agir é de alguma forma relacionada à relação que mantém? Se sim, especifique.
17. Tem alguma outra relação para além da que mantém com o homem casado?
 - Acha que diferem? Se sim, explique.
 - Em que medida essas outras formas de relação interferem na sua vida e por que interferem?

IV. Construção de Gestão da Identidade da Outra

18. De forma se define como mulher?
 - Essa conceptualização tem que ver com o facto de estar a se relacionar com um homem casado?
19. Como tem sido o seu relacionamento com os membros da sua família, sendo que eles têm conhecimento da sua condição?
20. Que experiências tem sobre ser a “Outra”?
21. Envolveu-se com um homem casado por dinheiro? Se sim, como tem feito a gerência do mesmo?
22. Como tem sido a sua relação com as demais pessoas? Sente alguma pressão por parte delas?
23. Como tem contornado essa pressão?
 - ✓ Gostaria de tecer alguns acréscimos e comentários acerca das questões discutidas? Se sim, disponha.

“Obrigada pela atenção dispensada!”

Fim da entrevista

Termo do Consentimento Informado

EU....., aceito participar voluntariamente da presente pesquisa com o tema, “Marandza: um estudo sobre a construção e gestão da identidade das namoradas de homens casados, na cidade de Maputo”, cujo objectivo é perceber como a gestão da relação mantida influencia a forma como a “Outra” constrói a sua identidade.

Foi-me explanado que esta entrevista fará parte do trabalho de final de curso, do curso de Sociologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Estou ciente de que as respostas dadas à entrevista serão usadas somente para a pesquisa e que não serei identificada e nada que eu responderei será divulgado fora do estudo, por isso autorizo a gravação da entrevista solicitada, com a garantia de que a minha privacidade em relação aos dados fornecidos será salvaguardada. Estou ciente, também, de que a minha participação não é obrigatória e tenho a total liberdade para interromper a minha participação na entrevista a qualquer momento, sem punição ou qualquer outro tipo de prejuízo para mim.

De acordo com os esclarecimentos prestados, minha participação na pesquisa se dará através de uma entrevista, onde responderei livremente às perguntas sobre o tema em questão. Minha participação na entrevista será aproximadamente de uma hora (1h).

.....

(Assinatura da entrevistada)

.....

(Assinatura da entrevistadora)

Maputo, aos.....de.....de 2020.